

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

A perspectiva feminista na redefinição da racionalidade e objetividade na ciência:
Primate Visions e Saberes localizados no horizonte da perspectiva parcial de Donna Haraway

Caroline Coutinho Dal'orto

Seropédica

2019

Caroline Coutinho Dal’orto

A perspectiva feminista na redefinição da racionalidade e objetividade na ciência:

Primate Visions e Saberes localizados no horizonte da perspectiva parcial de Donna Haraway

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Nelma Garcia de Medeiros.

Caroline Coutinho Dal'orto

A perspectiva feminista na redefinição da racionalidade e objetividade na ciência:
Primate Visions e Saberes localizados no horizonte da perspectiva parcial de Donna Haraway

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Nelma Garcia de Medeiros.

Em 28 de novembro de 2019.

Prof^ª. Dra. Nelma Garcia de Medeiros (Depto. de Filosofia – UFRRJ; orientadora)

Prof. Dr. Robinson Guitarrari (Depto. de Filosofia- UFRRJ)

Prof^ª. Dra. Mani Tebet Azevedo de Martins (Depto. Ciências Sociais-UFRRJ)

Dedico este trabalho àquele que é muitos para mim, que é quem me dá autoridade para escrever e falar verdadeiramente a palavra amor, e também a palavra machismo, ele que conseguiu marcar cada letra e cada espaço não escrito desse texto, Júlio.

AGRADECIMENTOS

A todas aquelas e aqueles que contribuíram de alguma forma para borrar as fronteiras que insistem em organizar os nossos corpos na lei, na ordem e na normatividade.

A todas aquelas e aqueles que fazem parte do meu eu e que se organizaram da maneira que quiseram e puderam para traçar minha trajetória até aqui.

A todas aquelas e aqueles que fizeram parte de mim além do meu corpo, meus amigos, irmãos e aliados que construí até aqui, preciso citar quem mais sofreu com meus amores, Renato.

A todas aquelas e aqueles nos quais eu pude, no corpo, dar e receber prazer.

Ao Lucas e a Bia, por me ensinarem amores alternativos.

Ao Matheus, por cuidar de mim.

Ao Yan, por me “emprestar” o livro *Manifesto Ciborgue* há dois anos atrás.

Ao Paulo, uma das pessoas mais fortes que encontrei em minha estadia por aqui.

A morte de Deus, que iniciei com Clarice Lispector e acabei a golpe de marteladas nietzschianas.

À minha mãe, quem me deu a vida e a possibilidade de viver nela.

Ao meu pai, por quase sempre cantar ou ouvir alguma música em casa.

Aos meus irmãos, por terem nessa caçula alguém com quem pudessem brincar e querer mandar.

Aos meus professores, que me deram noites e dias de diversão e, quando dava, de conhecimento.

À minha orientadora, Nelma, pelo senso de humor e de leveza com que leva a vida e que me fez abandonar (ou não) certas certezas sem nenhuma culpa ou ressentimento, por último, por me ensinar a rir.

*Não tenho imaginação você diz
Não. Não tenho língua.
A língua para clarear
minha resistência ao literato.
Palavras são uma guerra para mim.
Ameaçam minha família.
Para conquistar a palavra
para descrever a perda
arrisco perder tudo.
Posso criar um monstro
as palavras se alongam e tomam
corpo
inchando e vibrando em cores
pairando sobre minha mãe,
caracterizada.
Sua voz na distância
ininteligível iletrada.
Estas são as palavras do monstro.*

Cherrie Moraga

RESUMO

A defesa de uma ausência de valor epistemológico de gênero, tal como de raça, como categorias significativas para a investigação científica coloca o cientista branco e masculino na insígnia do corpo não marcado, isto é, suas investigações não fazem ponte *necessária* com outros campos, como a política. Se existe uma *marcação* de gênero e/ou de raça na ciência esta, ou recebe o status de *enviesada*, tornando-se menos científica, ou perde o status científico *tornando-se outra coisa*. É no interior dessas *marcações* que me utilizo da literatura feminista anglófona do final do século XX para situar a que problemas Donna Haraway pretende responder na sua proposta de redefinição da racionalidade e da objetividade sustentada na defesa epistemológica da perspectiva parcial. Me utilizo da escrita de Haraway em “Saberes localizados” e *Primate Visions* para situar, em suma, a ponte necessária que a autora faz entre poder, política e objetividade.

Palavras-chave: feminismo; perspectiva parcial; objetividade.

ABSTRACT

The defense of an absence of epistemological value of gender, such as race, as significant categories for scientific investigation places the white and male scientist in the insignia of the unmarked body, that is, his investigations do not bridge the gap with other fields, such as the politics. If there is a gender and / or race mark in science, then it is biased, becoming less scientific, or it loses scientific status by becoming something else. It is within these markings that I use the late 20th-century Anglophone feminist literature to situate what problems Donna Haraway intends to address in her proposal to redefine rationality and objectivity sustained in the epistemological defense of partial perspective. I use Haraway's writing in "Situated Knowledges" and *Primate Visions* to situate, in short, the author's necessary bridge between power, politics, and objectivity.

Keywords: feminism; partial perspective; objectivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – Epistemologias feministas em disputa.....	13
1. Localizando a pesquisa feminista na Europa industrial do século XIX.....	13
1.1 O <i>mainstream</i> da margem.....	15
CAPÍTULO II – Perspectiva parcial em Donna Haraway.....	19
2. Kropotkine, Darwin e a diferença de nacionalidade dos <i>seus</i> animais.....	19
2.1 Resposta às feministas: Saberes localizados e a perspectiva parcial.....	21
CAPÍTULO III - O corpo primata em <i>Primate Visions</i>.....	30
3. Políticas da representação, engenharia genética, sociometria e o mapa da dominação: Akeley, Yerkes e Carpenter e a primatologia pré Segunda Guerra.....	30
3.1 Políticas da representação.....	30
3.2 Engenharia genética.....	34
3.3 Sociometria e o mapa da dominação.....	37
3.4 Engenharia cibernética, restauração da “natureza” e a <i>National Geographic</i> : Carter e Goodall e as emergências da primatologia pós Segunda Guerra.....	39
3.4.1 Engenharia cibernética.....	40
3.4.2 Restauração da “natureza”.....	41
3.4.3 O programa da <i>National Geographic</i>	42
3.5 Narrativas em confronto e a disputa pela origem: Zihlman e a mulher coletora.....	46
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

Foram na filosofia e na docência os caminhos que percorri para tentar alcançar instrumentos afiados da verdade. Eu, que não me considero nem totalmente mulher, nem totalmente branca, nem totalmente heterossexual, e nem totalmente cientista ou filósofa, procurei nessas categorias um norte para criticar o que sempre preferiu o lugar da totalidade para descrever todas as experiências e possibilidades de aparecimento da verdade. Verdade, para mim, é o nome que se dá ao que venceu uma disputa carregada de poder. Mas é também o que *dá* possibilidade de ser nomeado, não ocupando uma posição anterior ao poder, mas na relação que se tem com ele. Sujeito e objeto estão aqui, para mim, representando o que nomeia e o que é nomeado. O que é levado em conta nessa negociação do nomear entre objeto e sujeito é o que constitui o meu principal interesse na apresentação desse trabalho.

Aqui se encontram a minha conversa com as principais correntes que vão nortear os estudos anglófonos em epistemologia feminista, publicados no final da década de 1980, que indicam pensadoras como Sandra Harding, Helen Longino, Ann Shteir e Donna Haraway como algumas de suas precursoras que, embora adotassem diferentes referenciais teóricos, buscavam refletir sobre a objetividade, invocando novos referentes, como a política de gênero, como possibilidade de não só compreender, mas propriamente justificar o seu significado.

A abertura de possibilidades engendrada nas epistemologias feministas se dá especialmente na contribuição da crítica feminista à ciência tal como na possibilidade de se estabelecer uma ciência feminista. Para isso, algumas questões se colocam, tais como: quais são as possibilidades de articulação das mulheres *dentro* da produção de conhecimento científico, uma vez que, dessa própria produção, é feito um diagnóstico de uma ciência, cujos métodos e práticas estão intrinsecamente estruturados por valores racistas, machistas e homofóbicos? É possível a ciência ser utilizada para um fim emancipatório dos próprios valores pelos quais foi estruturada? Acusar a ciência androcêntrica de se utilizar de valores “maus” pode recair em uma crítica *do papel do valor* na ciência e, a partir disso, insistir na alegação de uma ciência *isenta de valores*? Procurar um valor *superior* não é um sintoma da busca de um valor universal, tão criticado na ciência “má”? É possível uma teoria carregada de valor ter sua objetividade maximizada?

O que mais me interessa nessas questões não é a possibilidade de produzirem um resposta mais adequada para se conhecer ou viver melhor no mundo, mas a potência que elas carregam em romper com uma tradição teórica da filosofia da ciência e das ciências naturais, mesmo em suas versões feministas, estas também carregadas quase sempre de um reducionismo social ou biológico, relativismo ou determinismo, acompanhadas por uma estrutura epistemológica em que sujeito e objeto estão quase sempre implicados em uma relação fixa e assimetricamente investida de poder. O

que essa estrutura tem produzido até agora são saberes irresponsáveis com as condições epistêmicas variadas que o processo do conhecimento implica.

Chamo de condições epistêmicas variadas, por exemplo, a relação que a entrada das mulheres na ciência, nos séculos XIX e XX, vai estabelecer com a criação de campos estritamente “femininos”, e a “masculinização” de campos anteriormente “femininos”, realizada nas pesquisas de Ann Shteir. Ou, ainda, o debate suscitado por Harding em sua reconstrução dos principais fundamentos teóricos das epistemologias feministas anglófonas do século XX, e a possibilidade de coexistência de seus diferentes referenciais teóricos como consistindo no próprio exercício crítico da ciência. Esse será o nosso caminho no primeiro capítulo.

No segundo e no terceiro capítulos, convoco o pensamento de Donna Haraway para oferecer uma *saída* aos principais referentes teóricos apresentados até aqui. No seu texto *Saberes Localizados*, Haraway critica dois polos que, para ela, organizam centralmente a discussão das epistemologias feministas, isto é, o empirismo feminista e o construtivismo social e, em alguma medida, busca solucionar a *dificuldade* dessas correntes em apresentar uma versão da relação entre sujeito e objeto que esteja fora dos determinismos e reducionismos biológicos/sociais.

A solução dessas versões, para Haraway, está no investimento dos efeitos de imaginação como dando o limite e o significado da própria racionalidade. Tais efeitos de imaginação podem ser rastreados nas metáforas que situam o conhecimento, seus suportes teóricos, tecnológicos e linguísticos, bem como o estatuto de estar sempre em uma posição de negociação com seus objetos e sujeitos, sendo o movimento imaginativo uma operação que constitui a própria ação de ver bem, ou seja, ver de algum lugar, colocando a sua visão como o limite para a investigação *do que se vê e de onde se vê*. Sujeito e objeto, aqui, estão implicados em uma relação epistêmica racional e objetiva, ocupando posições que partem de algum lugar, sendo esse lugar parcial.

No terceiro capítulo, me utilizo das investigações concentradas na primatologia do século XX, apresentadas por Haraway em *Primate Visions*¹, como um estudo de caso para compreender, ou mesmo *localizar*, a proposta epistemológica da autora, sustentada na perspectiva parcial. Isto é, o corpo primata como *objeto privilegiado* para formação das principais ideias em torno da fundação da família, da propriedade, da monogamia, do estabelecimento de práticas sociais, políticas, de saúde e controle social como eixos centrais para se entender a interação entre os dualismos sexo/gênero e natureza/cultura como dando significado ao objeto da primatologia, isto é, o corpo primata.

Trata-se de pensar como o corpo primata de Akeley, Yerkes e Carpenter *depende* de situações histórias ligadas ao pré-Segunda Guerra, bem como de suas relações com instituições ligadas a programas de eugenia. Ou o corpo primata de Carter e Goodall, que estabelece conexão necessária com o contexto de engenharia cibernética e das preocupações com a restauração da

¹ HARAWAY, Donna. *Primate Visions: Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*. New York: Routledge, 1989.

natureza engendradas no pós Segunda Guerra. Ou, ainda, como o corpo primata da Mulher-coletora de Zihlman está implicado nos discursos feministas euro-americanos das/os cientistas biossociais da década de 1970. É pensar como o conhecimento de corpos é realizado por corpos. Somos todos corpos, sujeito e objeto, e estabelecer condições de conhecimento em que a racionalidade e a objetividade ainda ganham sentido é um desafio que se apresenta para nós que não só queremos viver em corpos, mas nos angustiamos em conhecer os significados e os limites que lhe são impostos. Concluo, para começar, com uma angústia de Haraway:

Assim, creio que o meu e o "nosso" problema é como ter, simultaneamente, uma explicação da contingência histórica radical sobre todo conhecimento postulado e todos os sujeitos cognoscentes, uma prática crítica de reconhecimento de nossas próprias "tecnologias semióticas" para a construção de sentido, e um compromisso a sério com explicações fiéis de um mundo "real", um mundo que possa ser parcialmente compartilhado e amistoso em relação a projetos terrestres de liberdade finita, abundância material adequada, sofrimento reduzido e felicidade limitada.(Haraway, 2009:23)

CAPÍTULO I - EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS EM DISPUTA

1. Localizando a pesquisa feminista na Europa industrial do século XIX

O século atravessado nos anos de 1820 e 1920 encontrou mudanças significativas na estrutura do pensamento e das práticas sociais, acompanhado da abertura de oportunidades de educação e emprego para as mulheres brancas e de classe média dos países europeus industrializados. Essas aberturas trouxeram um novo significado na formação de um *ethos* social das mulheres, que passavam a ocupar lugares “masculinizados” na sociedade, tal como a ciência. Essa nova estruturação social e política de gênero teve uma reação acentuada, a partir de 1910, com o aparecimento de mecanismos estruturando campos “feminizados” dentro da ciência, como o surgimento da economia doméstica, tendo o objetivo de cumprir com uma restrição da atuação e legitimação das oportunidades das mulheres na produção científica, mantendo-as em situação de *subalternidade na acumulação de status científico* em relação aos campos entendidos como masculinos.

Em “Gender and ‘modern’ botany in Victorian England” Ann Shteir² discute os estudos sobre botânica na Inglaterra do século XIX, a partir de uma reestruturação das ciências caracterizadas pelo movimento iluminista que acompanharam uma nova ordem taxonômica inaugurada por Linnaeus, pai da taxonomia moderna ou *segundo Adão*.

A taxonomia de Linnaeus, no campo da botânica, previa um sistema de coleta e classificação das plantas a partir da ordem reprodutiva das flores. Essa atividade taxonômica se caracterizava pela *combinação entre diversão e conhecimento*, seu sistema de classificação era simplificado e incluía, em sua prática, os signos de sensibilidade e polidez. A partir do final do século XVIII, os novos arranjos de família, emprego e instituição possibilitaram uma abertura cultural significativa para as mulheres nos estudos da botânica, marcando-a como um campo “feminizado”. Aqui, a botânica compreendia a educação da mulher branca de classe média do período vitoriano.

O processo de coleta, desenho, estudo e nomeação das plantas era todo identificado como uma prática que estimulava a sensibilidade e a polidez, deixando pouco claras as fronteiras entre o que significava produção de conhecimento científico e atividade “recreativa”. Essas fronteiras *passam a ser demarcadas* a partir de um movimento de “desfeminização” do campo da botânica, isto é, quando os signos de sensibilidade e polidez ganham um espaço de diferenciação, rompendo com o processo de taxonomização das plantas inaugurado por Linnaeus. Esse processo foi resultado da incorporação de uma cultura utilitarista, que pretendia transformar a botânica em uma *ciência*

²KOHLSTEDT, Sally G, LONGINO, Hellen E. “Women, Gender, and Science: New Directions”. Em *Orisis*, v. 12, 1997. p. 29.

séria. Isso se traduzia na ideia de que, enquanto a botânica se associasse a uma atividade feminina, se localizaria longe do que era considerado o *mainstream* da ciência.

Essa mudança de quadro foi proposta por John Lindley, professor de botânica da University College of London, que estava disposto a modernizar a botânica, fazendo dela uma atividade além de uma “*amusement for ladies*”.³ Lindley trabalhou para redesenhar as fronteiras disciplinares das ciências naturais, incorporando-as a um procedimento utilitarista, que tornava *obsoletas* as ideias de sensibilidade e polidez no processo de taxonomização das plantas.

Junto a isso, Lindley confrontou as ideias de Linnaeus, classificando-as de “obsoletas”, “estáticas” e “superficiais”, e propondo um novo procedimento de análise taxonômica, que desse prioridade ao estudo da estrutura da planta e não sua identificação e classificação. Esse novo quadro desvalorizava e tornava obsoletos os conhecimentos praticados pelas mulheres na botânica.

O status de conhecimento “obsoleto” não era absoluto para Lindley, uma vez que entendia que os conhecimentos relacionados à taxonomia botânica anterior, ligada a uma prática feminina, serviria como produção de conhecimento literário e como forma de *refinamento da educação infantil* (dos seus filhos). Essa divisão do trabalho e estabelecimento de uma demarcação fronteira entre conhecimento válido cientificamente e válido como “entretenimento”, nos estudos da botânica, teve sua sustentação em uma economia sexual que previa separar a ciência de uma atividade considerada feminina.

A redefinição dos campos da ciência estruturada por uma dinâmica de diferenciação de gênero, acompanhada por uma diferenciação de prestígio epistêmico, é um dos efeitos das tendências androcêntricas⁴ em reação à expansão da entrada das mulheres na ciência. Outra reação dessa entrada se traduz na divisão do trabalho da ciência em três grupos principais. São estes, nas palavras de Harding, os gerentes e distribuidores, os técnicos e a equipe doméstica.⁵

O primeiro grupo é uma pequena minoria, alocada em menos de 1% de toda estrutura científica. A existência dos indivíduos desse grupo não significa uma relação com a tradição científica ou com a natureza do conhecimento e sim com uma *totalidade da empresa científica*, integrada com as relações da sociedade que apoiam a ciência. É responsável pela definição do que deve ser contado como objeto de pesquisa, em termos de prática teórica e de articulação e direcionamento de recursos, sendo majoritariamente constituído por homens brancos e de classe média.

O segundo grupo é responsável por supervisionar as atividades de pesquisa em andamento nos processos de coleta, análise e sistematização dos dados. É composto majoritariamente por

³“Diversão para senhoras”. KOHLSTEDT, Sally G, LONGINO, Hellen E., op, cit., v. 12, 1997. p. 34.

⁴Androcentrismo é um conceito analítico desenvolvido por Charlotte Perkins Gilman para descrever a experiência masculina como tradutora das experiências universais, isto é, como eixo central que opera na marcação de *todas as coisas que estão fora dela como outras*. Gilman descreveu as práticas androcêntricas na sociedade e os problemas que elas criaram em seu livro *The Man-Made World*, publicado em 1911. Ver CHARLOTTE, Perkins Gilman. *The man-made world or Our androcentric culture*. New York. 1911.

⁵HARDING, Sandra. *The Science Question in Feminism*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1986, p. 72.

homens e mulheres brancos, jovens de classe média ou baixa, alimentados pelo imaginário liberal de uma prática científica marcada pelos signos da liberdade e da descoberta.⁶

O terceiro grupo é responsável pela manutenção de equipamentos, materiais e laboratórios, marcado por pessoas de baixa escolaridade, quase que inteiramente feminino e, em muitas áreas, desproporcionalmente marcado por negros ou hispânicos.

Esse esquema mostra como é falha a ideia de que a ciência é representada por um *homem branco de jaleco*, uma vez que ela é quase que inteiramente constituída por pessoas de todas as cores, sexos e escolaridades. A questão que se coloca é que a falha da imagem *é também o seu acerto*. Ou seja, o *homem branco de jaleco* é quem determina o que merece ser validado ou não como conhecimento científico.

1.1 O *mainstream* da margem

Em 1986, em sua obra *The Science Question in Feminism*, Sandra Harding apresenta as três correntes principais, desenvolvendo suas críticas e apontando suas intersecções, que vão estruturar a epistemologia feminista. São estas: o empirismo feminista, o *standpoint* e o pós-modernismo.

O empirismo feminista pensa a partir de certas distinções entre os métodos impróprios e os próprios, implicados na “má ciência” e na ciência positiva, bem como nos contextos de descoberta e justificação. Sua operação crítica está sustentada nessas dicotomias, isto é, o empirismo feminista vê as relações de gênero estruturadas isoladamente nos contextos de justificação, localizando, na aplicação dos testes e interpretação das evidências, um forte atravessamento de gênero como um fundamento epistêmico para formulação dos conjuntos de crença. Esse pensamento propõe que localizar e *eliminar* as relações androcêntricas é uma medida de ampliação dos nossos conjuntos de crenças. Essa eliminação teria como resultado uma *tradução* mais neutra e objetiva do mundo.⁷

O problema dessa crítica é que ela toma os contextos de descoberta, isto é, a metodologia e estruturação teórica no qual os enunciados de pesquisa são identificados e definidos, como *isenta* dessas relações de gênero. Além disso, se alimenta de um dualismo⁸ que, propriamente, foi um

⁶Em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962), Thomas Kuhn apresenta, na história do desenvolvimento da ciência, a atividade de resolução de quebra-cabeças instituída por um paradigma. Esse diagnóstico aponta uma armadilha nas ideias de “descoberta” e “autonomia” como estruturantes da prática científica. Os jovens cientistas guiados por essas ideias acabam por passar quase toda a sua vida resolvendo os problemas dados na atividade de quebra-cabeças da ciência normal.

⁷Longino, ao considerar que o *standpoint* falha na justificativa sobre qual critério deve ser considerado na definição do sujeito epistemologicamente privilegiado da ciência feminista, recorre à noção de comunidade científica como estruturando um debate mais democrático da ciência. Essas comunidades devem ser organizadas a partir de quatro critérios: 1 - a existência de fóruns públicos de crítica das pesquisas, métodos e resultados; 2 - uma comunidade que não se limite a tolerar a dissidência, mas promova a mudança de posições através do processo crítico; 3 - a publicização dos padrões sobre os quais teorias, métodos e hipóteses são analisados; e 4 - a existência de igualdade de autoridade intelectual dentro da comunidade científica. Ver LONGINO, Helen. “Subjects, Power, and Knowledge: Description and Prescription in Feminist Philosophy of Science”. In Alcoff and Potter. 1993. p. 112-113.

⁸Como as velhas distinções presentes na epistemologia tradicional, tais como viés versus objetividade, uso versus abuso, ciência versus pseudociência.

investimento das ciências androcências, para isolar uma ciência que se propunha *livre da marcação de seus criadores*.

A segunda vertente apresentada é o *standpoint* ou epistemologia do ponto de vista. Pensada a partir da dialética hegeliana, essa vertente localiza sua investigação teórica a partir do esquema conceitual hegeliano⁹ da relação mestre e escravo. Nesse esquema, o mestre, por não possuir uma realidade material do trabalho, produz uma distorção do que seria a experiência do escravo, ou do trabalho. Já o escravo produz uma consciência de si e para si, ao ser o sujeito *capturado pela experiência de subjugação ao trabalho*.

Trocando os termos, temos os sujeitos capturados pelas categorias masculinas no lugar do mestre e os capturados pelas femininas no lugar de escravo, isto é, as mulheres possuem uma vantagem epistemológica em relação à interpretação da realidade, uma vez que se apresentam em situação de subjugação, sendo os sujeitos preferidos epistemologicamente para *diagnosticar os efeitos da distorção das relações androcêntricas em favor de uma objetividade mais robusta*.¹⁰

O problema dessa crítica é a questão de como conseguir delimitar quem deveria ser *melhor* capturado pela categoria “Mulher”, isto é, quais condições seriam necessárias para a definição de um sujeito epistemologicamente privilegiado. No limite, um problema que impõe a questão: é possível uma captura universal dos sujeitos femininos?¹¹

Essa última questão abre para as críticas colocadas pela terceira corrente, qual seja, a pós-modernista feminista, que se propõe discutir a definição de um ponto de vista que possa ter uma relação imediata com a realidade, ganhando assim um privilégio epistemológico. Essa corrente tem fundamentação teórica nos três postulados marcados pelas discussões “pós-modernas”: a morte do

9No Capítulo IV de *A Fenomenologia do Espírito*, Hegel faz uma abordagem do Senhor e do Escravo como arquétipos que vão representar a dialética do reconhecimento da consciência-de-si. Aqui as ideias da morte e do trabalho serão centrais, isto é, o mestre, por vencer o medo da morte, abstrai sua dependência da natureza e do trabalho e, consequentemente, subordina o escravo ao trabalho. O escravo, por estar subordinado ao trabalho, consegue reconhecer, na figura do senhor, a dependência de seu trabalho. Esse processo resulta em uma inversão de papéis, onde o ser para o outro do escravo se torna ser para si, e o ser para si do mestre torna-se ser para o outro, em função de sua dependência do trabalho do escravo.

10 Juliana Góes acrescenta: “Aprofundando este conceito, o que as mulheres desta linha de pensamento consideram é que as diferenças de gênero trariam experiências diferentes para homens e mulheres, que se concretizariam na dominação dos primeiros sobre as segundas. As mulheres seriam empurradas à margem da sociedade, e teriam de aprender tanto a lógica do grupo dominado, por estar neste espaço, quanto do dominante, por ter de sobreviver a ele. Assim, elas teriam uma perspectiva da sociedade mais completa, e o estudo a partir desta perspectiva seria o que se encontraria de mais radical para o fim das opressões”. Ver GÓES, Juliana. “Ciência e a(s) epistemologia(s): saberes localizados”. Em *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v 27, 2019, p. 06.

11 Patricia Hills Collins traz rupturas para essa noção hegemônica da experiência feminina, ao mostrar que a luta pelo fim do patriarcado, alçada pelo feminismo branco, requer compreender as particularidades da formação familiar negra que, segundo ela, está *fora* da relação patriarcal, uma vez que se diferencia de uma divisão de trabalho e de família dos seus ideais (branco) correspondentes, isto é, centradas em um provedor masculino. Onde uma mulher (negra), que não é totalmente mulher (não está somente na esfera privada), e um homem (negro), que tem que se submeter a um outro homem (branco), tem correspondência com um par binário mulher dominada/homem dominador determinados na estrutura patriarcal? É esse tipo de pensamento que Collins elenca para criticar os imperativos do feminismo (branco), utilizando o *ponto de vista da mulher negra*. A discussão trazida por Collins traduz-se na *discussão diferenciada* das mulheres em relação à maternidade, qual seja, enquanto mulheres brancas lutam a favor de políticas de liberação e legalização do aborto, as mulheres negras pautam questões relacionadas ao genocídio da população negra, traduzidas, por exemplo, no incentivo de políticas públicas que fomentam a esterilização de seus corpos. Ver COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1990, p. 69.

homem, denunciando seu caráter histórico; a morte da história, desclassificando uma lógica intrínseca à história da humanidade; a morte das metanarrativas, entendendo que a realidade não se constitui fora do homem.¹²

Esses postulados ajudam a sustentar uma epistemologia que investe a relação do sujeito e do objeto a partir de uma *conexão parcial*. Harding anuncia Haraway como uma de suas percussoras, uma vez que esta associa a possibilidade de uma conexão absoluta e imediata ou de completa separação do sujeito com o objeto às estratégias epistemológicas que *fazem perder de vista a objetividade*.

A conexão parcial situa o conhecimento em relação a uma corporalidade do pesquisador e do objeto pesquisado e, tratando-se de corpo, a divisão entre unidades categoriais, como homem e mulher, torna-se complexificada por atravessamentos irreduzíveis à relação tradicional sujeito e objeto. Tal como aponta Haraway, “a procura por uma tal posição ‘inteira’ e total é a procura pelo objeto perfeito, fetichizado, da história oposicional”.¹³ Aqui, a busca por metanarrativas que estructurem as realidades, pela via de categorizações isoladas, como a econômica, de gênero ou racial, pressionam para uma tradução de mundo que subjetiviza e valoriza os imperativos da tradição epistemológica dominante. Em outras palavras, a fuga para uma categoria única de “Mulher” é ainda um esforço para reconhecer o valor universal como uma boa medida de validação do conhecimento.¹⁴ Haraway, embora associada à corrente pós-moderna, assume aí certo acirramento, ao identificá-la com as teses do construtivismo social, que também *fazem perder de vista a objetividade*.

O problema dessa corrente é encontrar um ponto ou *uma pista* epistemológica que sustente uma adequação conceitual, aliada aos interesses de uma ciência menos androcêntrica, racista e heteronormativa. A perspectiva parcial, amplamente defendida por Haraway, se põe como uma alternativa a essas três correntes. Nas próximas sessões, me dedicarei a discutir o seu pensamento.

Outra discussão levantada por Harding se dá em torno da escolha interpretativa de certas metáforas políticas e sociais que vão sustentar um conjunto de crenças, de um lado *e não de outro*, apontando que a produção do conhecimento é negligenciada, quando só se conta com uma metodologia e estrutura cognitivistas, na qual ciência e sociedade estão analiticamente separadas.

12 SARDENBERG, C. M. B. “Da crítica feminista a uma ciência feminista?” *Labrys Estudos Feministas*, 11, 2007, p. 47.

13 HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, 2009, p. 27.

14 Um dos desafios ao problema de uma identidade unívoca que comportaria a categoria “Mulher” é profundamente discutido por Judith Butler: “A genealogia toma como foco o gênero e a análise relacional por ele sugerida, precisamente porque o ‘feminino’ já não parece mais uma noção estável, sendo seu significado tão problemático e errático quanto o de ‘mulher’, e porque ambos os termos ganham seu significado problemático apenas com o termos relacionais. Além disso, já não está claro que a teoria feminista tenha que tentar resolver as questões da identidade primária para dar continuidade à tarefa política. Em vez disso, devemos nos perguntar que possibilidades políticas são consequência de uma crítica radical das categorias de identidade? Que formas novas de política surgem quando a noção de identidade como base comum já não restringe o discurso sobre políticas feministas? E até que ponto o esforço para localizar uma identidade comum com o fundamento para uma política feminista impede uma investigação radical sobre as construções e as normas políticas da própria identidade?” Ver BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 09-10, 21.

Ao assumir, por exemplo, a posição de que a adequação conceitual da matemática é, no limite, pragmática, Harding (1989, p. 49) diagnostica que as operações numéricas da matemática no Ocidente tiveram suas realidades negociadas em um corpo de crenças histórico. Seu exemplo é o de que, na Grécia antiga, o primeiro número de uma série de números inteiros não era considerado *como um número*. Isto se dá em função de uma negociação cultural das operações numéricas com a noção, amplamente difundida na Grécia antiga, de uma *teleologia das origens*. Essa teleologia carregava uma distinção entre o número gerador de uma linhagem e a sua linhagem subsequente,¹⁵ fazendo com que o “número” um, inclusive, não fosse categorizado nem como ímpar nem como par. Esse exemplo nos ajuda a concluir que as ciências que se estruturam a partir de uma *lógica pura*, em suma, dependem de um conjunto de metáforas negociadas socialmente.

¹⁵David Bloor apresenta um exemplo para esse padrão na *Metafísica* de Aristóteles, no qual o “um” significa a *medida de alguma pluralidade*, e “número” uma medida plural ou uma pluralidade de medidas. Ver BLOOR, David. *Knowledge and Social Imagery*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977, p.110.

CAPÍTULO II - PERSPECTIVA PARCIAL EM DONNA HARAWAY

2. Kropotkine, Darwin e a diferença de nacionalidade dos *seus* animais

Em 1902, o naturalista e anarquista russo Pierre Alexandre Kropotkine publicou seu livro *L'Entraide, um facteur de l'évolution*¹⁶, resultado de sua pesquisa de campo na região de Vitim, na Rússia. As investigações de Kropotkine circulam, inicialmente, na *procura por provas da evolução e seleção* à luz da teoria evolucionista de Darwin. No entanto, o que os resultados de pesquisa do naturalista apontaram foi para uma *falta de coerência* de suas observações com as premissas básicas da teoria de seleção darwinista, escrevendo:

Quando explorava a região de Vitim, na companhia do competente zoólogo meu amigo Poliakoff [...], procuramos em vão provas da áspera concorrência entre animais da mesma espécie que a leitura da obra de Darwin nos havia preparado para encontrar [...]. Mas, mesmo nas regiões de Amour e Oussouri, onde a vida animal pulula, eu só pude muito raramente, apesar da atenção que dedicava, notar fatos de real concorrência, de verdadeira luta, entre animais superiores da mesma espécie. A mesma impressão sobressai na maioria das obras de zoólogos russos. (Despret, 2001: 63)

Kropotkine observava os efeitos de uma solidariedade e de um apoio mútuo na organização das espécies que investigava, ligando o movimento de sobrevivência muito mais a esses efeitos do que aos efeitos de competição e disposição agonística na disputa por recursos. Aqui, Kropotkine discorda frontalmente das observações de Darwin, e chega a afirmar que a sua impressão ligada à observação da solidariedade como chave de leitura da organização do grupo *era uma tendência geral entre os naturalistas russos*.

Em 1862, Marx escreve em uma carta para Engels: “É espantoso ver como Darwin reconhece nos animais e nas plantas *sua própria sociedade inglesa*, com sua divisão do trabalho, sua concorrência, suas aberturas de novos mercados, suas ‘invenções’ e sua malthusiana luta pela vida”.¹⁷ Aqui, Kropotkine parece se aproximar da mesma conclusão de Marx, qual seja, a teoria evolucionista de Darwin é *puramente* a expressão de um resultado de quadros políticos, econômicos e nacionais¹⁸ pelos quais ele se localizava. Por outro lado, as observações de Kropotkine também não fugiam da acusação de que seu posicionamento político anárquico *inclinava* suas investigações *na busca* de encontrar o fundamento para a solidariedade na natureza¹⁹.

O que as visões políticas e econômicas oposicionistas de Darwin e Kropotkine tem em comum é o significado que elas conferem ao objeto epistemológico como o resultado de “meros

16 DESPRET, Vinciane. “O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas?”. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23 – n. 1, p. 59-72, Jan./Abr. 2011.

17 Segundo Engels: “A economia empresta seus modelos à natureza, a natureza os ‘naturaliza’ e a história natural, por sua vez, os propõe à economia: ‘depois que o passe de mágica foi realizado’ [isto é, a transposição da sociedade para a natureza], as mesmas explicações são transferidas de volta da natureza à sociedade e afirma que se provou sua validade como leis eternas da sociedade humana”. (Grifo meu).

18 O termo é sugerido por Vinciane Despret (2011) para refletir o resultado *das contradições examinadas nas observações* de Kropotkine comparadas às da teoria da evolução darwinista.

19 DESPRET, Vinciane, op. cit., p. 63.

jogos de poder”, que nada dizem respeito às realidades dos objetos mesmos. Nessa chave de leitura, os objetos desempenham um lugar de *passividade absoluta* em relação ao observador e à sua subjetividade.

Despret sugere que, em uma primeira leitura, os animais de Darwin e os de Kropotkine são diferenciados por questões próprias à nacionalidade *dos autores*. Em um segundo momento, a diferença de nacionalidade como fundamento dos processos diferenciados de evolução parece operar *nos animais*, isto é, porque eles viviam, de um lado e do outro, em contextos ecológicos diametralmente opostos.²⁰

As condições ambientais da Sibéria e Manchúria setentrional, onde se encontravam os animais de Kropotkine, apresentavam oscilações climáticas bastante hostis, isto é, passava-se de uma tempestade de gelo ao degelo do início de verão e, mesmo nas regiões temperadas, havia a presença de chuvas torrenciais que provocam constantes situações de alagamento. Nessas condições, as afirmações da teoria malthusiana²¹ herdadas por Darwin perderiam o seu significado, em um contexto ambiental em que os animais estão mais inclinados a uma “luta contra condições ambientais adversas” do que a “luta uns contra os outros”. Por outro lado, Darwin localizava o seu trabalho em ilhas onde o problema de superlotação é uma questão²² que impõe algumas alternativas de leitura às observações diferentes das impostas pelo cenário em que Kropotkine se localizava. No contexto observado por Darwin, a “luta uns contra os outros” *ganhava sentido*.

A discussão que desejo levantar com as experiências de Kropotkine e Darwin circula no relacionamento entre sujeito e objeto, que está implicado em posições sempre em negociação e em conexão parcial. Isto é, mesmo Kropotkine, em sua inclinação política mais convicta em *encontrar* a presença de uma solidariedade natural entre os animais, *difícilmente* a encontraria, se não houvesse *mínimas* condições de aparecimento que dessem realidade ou mesmo significado à noção de solidariedade. Por outro lado, *difícilmente* Kropotkine, desgarrado de suas convicções políticas anarquistas ou comprometido com visões opostas, encontraria ou atribuiria um significado privilegiado às condições de aparecimento da solidariedade na natureza.

É a partir da investigação dessa tônica que reconstrói o relacionamento entre sujeito e objeto como resultado de uma negociação de posições, em que a aposta em posições assimetricamente investidas de poder soa sem sentido e mesmo *irresponsável*, é que penso ser importante a redefinição dos significados de racionalidade e objetividade na ciência. A proposta da perspectiva parcial de Donna Haraway fornece boa sustentação para essa redefinição. Para isso, convoco a próximo texto para *encontrar mais pistas* sobre o que seria esse novo relacionamento entre sujeito e objeto à luz dos saberes localizados.

20 Idem, p. 68.

21 Em resumo, a tese de que o crescimento populacional é potencialmente exponencial enquanto o crescimento da oferta de alimentos é linear, gerando assim um movimento de disputa de recursos marcado na “luta dos animais uns contra outros”.

22 Idem, p. 69.

2.1 Resposta às feministas: Saberes localizados e a perspectiva parcial

Em 1988, a filósofa e bióloga Donna Haraway publicou o artigo intitulado, conforme a tradução brasileira, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, publicado pela revista *Feminist studies*. Trata-se de uma resposta às principais correntes da epistemologia feminista apresentadas por Harding em sua obra *The Science Question in Feminism*.

São nessas principais correntes que Haraway *ainda vê vestígios* da armadilha do “truque de Deus”, procurando combatê-la, mediante sua defesa de um sujeito parcialmente marcado, localizado, incoerente e não passível de ser capturado por uma categoria unívoca, seja de oprimido ou de opressor. O que a autora quer dizer é que nenhum ponto de visão, usado até aqui para sustentar as noções de sujeito as quais critica, é passível de uma não mediação com o mundo, com a linguagem e com a tecnologia. O sujeito é sempre um efeito de tecnologias de visão.

Nesse ensaio, Haraway procura investigar o que chama de racionalidade posicionada, na tentativa de reformular o conceito de objetividade, na medida em que a “objetividade” é sustentada pelas concepções de sujeito que vão sendo demandadas pelas correntes ditas pós-modernas. Nesse capítulo, acompanho o caminho seguido por Haraway em seu argumento a favor de uma construção ontológica que dê conta das críticas feministas às tendências androcêntricas das correntes tradicionais da ciência, sem cair no que ela chama de “truque de Deus”, ou seja, sem precisar se fundamentar em um sujeito epistemologicamente superior.

Ao apresentar as críticas que marcam o pensamento das feministas na ciência, especialmente em torno da objetividade prescrita pelas linguagens canonizadas das epistemologias tradicionais, a autora encontra um conflito em torno de três polos conceituais: o construtivismo social, o *standpoint* (ou perspectivista) e o empirismo feminista.²³

Nas teorias construtivistas do conhecimento nenhuma perspectiva interna ou plano de pesquisa é privilegiado, isto é, a dicotomia entre as perspectivas internas e externas é suspensa, uma vez que ambas têm suas verdades igualmente sustentadas externamente nas relações de poder construídas socialmente. Essas relações de poder, ao se tornarem o fundamento para os programas científicos, igualam a investigação científica às *investigações dos instrumentos semióticos da verdade*, isto é, dos instrumentos que regulam a vida política, econômica, social, etc. À luz dessa posição, a história de Kropotkine e Darwin assumiria unilateralmente a primeira interpretação, qual seja, de que os objetos da ciência são *meros efeitos* da subjetividade do investigador.

²³ Retomo a discussão das principais correntes da epistemologia feminista que foram apresentadas por Harding no capítulo anterior, a fim de recapitulá-las, segunda a perspectiva de Haraway. HARAWAY, Donna, op. cit., 2009, p. 7-8.

Haraway assume que a ciência dispõe de um caráter de tradutibilidade de enunciados sobre o mundo²⁴. Para ela, a noção de que só se pode produzir conhecimento por via da adoção de uma *simetria* de jogos de poder, em que a subjetividade do observador tem valor unilateral para tradução²⁵ dos objetos, sustenta a ideia tão criticada pelas correntes construtivistas de que os significados dos enunciados científicos poderão ser traduzidos apenas dentro de um jogo de significados de uma única linguagem, isto é, unilateralizada na subjetividade do conhecedor. E ela pergunta, adivinhem de qual linguagem?²⁶

O segundo pensamento criticado por Haraway é a corrente do empirismo feminista, que acusa de “insistir em significados legítimos de objetividade”²⁷ e de se caracterizar por uma suspeita do construtivismo radical, uma vez que este apresenta uma *insuficiência* em relação às narrativas que expõem o “jogo de significação semiótica marcada pelo poder” a partir da história e da política, ao não se agarrarem aos problemas da ciência dentro de seus *próprios termos e condições de estabelecimento de verdade*.

Em resposta a essa corrente, Haraway se utiliza de uma crítica ao empirismo feminista levantada por Harding (1986). Segundo Harding, o androcentrismo opera nas teses do empirismo feminista como causador de uma *distorção* na aplicação dos métodos empíricos na descoberta dos fatos, uma vez que a aplicabilidade dos métodos se constrói em função de viés opressor do homem sobre a mulher. O que fundamenta a crítica de Harding ao empirismo feminista é que este não põe em cheque os próprios métodos da ciência como estruturados pelas relações androcênicas e vê essas relações como uma *distorção* dos métodos da ciência, ao encará-los como neutros e anteriores às relações de poder.²⁸

Nesse contexto, podemos estabelecer um diálogo do empirismo feminista com o marxismo humanista, uma vez que a ideologia (para as correntes marxistas), assim como a ciência androcêntrica (má), causa uma *distorção* da realidade dos sujeitos oprimidos, sejam os trabalhadores, mediante relações de trabalho, sejam as *mulheres* mediante relações sexistas de gênero. Também há de se traçar uma convergência com a corrente do feminismo perspectivista, uma vez que esses sujeitos, trabalhadores ou mulheres, por localizarem-se nos lugares de oprimidos,

24 Idem, p. 16.

25 O que Haraway critica é como essa leitura impossibilita que o objeto do conhecimento desempenhe algum agenciamento, sendo apenas o resultado de um investimento subjetivo do observador.

26 O caráter obscuro da questão pode ser esclarecido na afirmação de que, tendo a subjetividade do autor uma igualdade de valor epistêmico e entendendo o ponto de vista da autora de que *há uma desigualdade de valores* entre as subjetividades que serão levadas em conta na produção de conhecimento, *alguma subjetividade particular será preservada na tradução de uma linguagem científica comum*.

27 Idem, p. 15.

28 Harding (1986) comenta que, já na década de 1950, Quine, em *Dois dogmas do empirismo*, identificava um problema na distinção entre, de um lado, as verdades que são analíticas ou fundamentadas em significados independentemente de questões de fato, e, de outro, as verdades que são sintéticas ou baseadas em fatos. Nesse ponto, as feministas empiristas são herdeiras de Quine; no entanto, ao apelarem para normas epistêmicas que, em suma, são reivindicadas não fora, mas dentro da investigação empírica, acabam por recair em um normativismo científico, no problema do viés versus neutralidade, na pressuposição de um sujeito trans-histórico individual que esteja fora da determinação social, além de aceitarem um conceito acrítico de experiência.

realizam condições de estabelecer um *privilégio epistêmico* e, portanto, são eleitos os sujeitos mais próximos de produzir uma *verdade*.

Haraway vai acusar a saída do sujeito, marcado por relações de opressão e epistemologicamente superior, como irresponsável e inocente, na medida em que autora afirma que a “sujeição não é uma base para uma ontologia, mas pode ser uma pista visual”.²⁹ Aqui, se dá um primeiro contato com a postura da autora em relação ao status ontológico do sujeito do conhecimento, qual seja, a de uma posição que não é fixa e é sempre mediada por relações de poder, por condições *dadas* pelo objeto do conhecimento e por instrumentos de visão, ou melhor, *tecnologias de visão*.³⁰ Não à toa Haraway chama a história das ciências como *a história da tecnologia*.

A postura da autora na definição de um sujeito epistemologicamente *responsável* e não privilegiado, se inclina a abraçar as ontologias pós-modernas. Abre-se um diálogo propício à crítica da categoria unívoca de “Mulher”, defendida pela corrente perspectivista que, segundo a autora, se põe como irresponsável, ao *escamotear as condições em que se dão a representação dessa “Mulher”*, isto é, dos sujeitos que estão representados nessa categoria e que teriam uma autoridade epistêmica por partir de um lugar de subjugação³¹. Tal subjugação seria estritamente a assimetria de gênero masculino versus feminino, em que o sexo feminino estaria em uma relação de opressão (sofrendo) com o masculino. Mas, cabe perguntar, quem seria essa “Mulher”?

Os posicionamentos dos subjugados não estão isentos de uma reavaliação crítica, de decodificação, desconstrução e interpretação; isto é, seja do modo semiológico, seja do modo hermenêutico da avaliação crítica. As perspectivas dos subjugados não são posições “inocentes”. Ao contrário, elas são preferidas porque, em princípio, são as que tem menor probabilidade de permitir a negação do núcleo crítico e interpretativo de todo conhecimento. Elas têm ampla experiência com os modos de negação através da repressão, do esquecimento e de atos de desaparecimento - com maneiras de não estar em nenhum lugar, ao mesmo tempo que se alega ver tudo. [...] As perspectivas dos subjugados são preferidas porque parecem prometer explicações mais adequadas, firmes, objetivas, transformadoras do mundo. Mas, como ver desde baixo é um problema que requer, pelo menos, tanta habilidade com corpos e linguagens, com as mediações da visão, quanto têm as mais “altas” visualizações tecno-científicas. (Haraway, 2009: 23)

A leitura centrada no gênero como categoria privilegiada para desvendar as influências androcêntricas na ciência se dá a partir dos circuitos feministas, que defendem a epistemologia do *standpoint*, partindo de uma crítica à *predominância* da perspectiva sexista na produção de conhecimento, que, por sua vez, visa a dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino. Aqui, a categoria feminina é entendida como epistemologicamente privilegiada, porque se encontra em uma situação de opressão que capacita os sujeitos do sexo feminino a ocuparem posições e corpos que lhes permitem uma *conscientização* de seu estado de opressão.

²⁹ Idem, p. 27.

³⁰ Idem, p. 30.

³¹ Idem, p. 15.

As teorias do perspectivismo conversam com as vertentes do pensamento marxista humanista³² que, em suma, estruturam sua teoria a partir de uma análise estrutural da economia, na defesa dos processos de subjetivação originários de uma ontologia do trabalho. No marxismo humanista, as relações sociais são marcadas pelos *lugares* ocupados pelos indivíduos no trabalho. Esses lugares são divididos em duas classes, pela burguesia (dona dos meios de produção) e o proletariado (dono da força de trabalho). Cabe aqui explicar como Marx vê a ideologia.

A ideologia é fruto das relações entre as classes, ou melhor, é um pensamento organizado pela burguesia com a função de dar manutenção ao seu poder dentro das relações de produção. Para se manter no poder é necessário que a burguesia financie *formas* de pensamento que condicionem os trabalhadores a se conformar ao seu estado de alienação do trabalho. Portanto, a ideologia é uma *forma* de mascarar as relações de produção, que são materialmente mais *reais*. O trabalhador, enquanto categoria que ocupa o lugar dos subjugados dentro das relações entre as classes, é o único agente capaz de trazer uma consciência do estado de alienação promovido pela ideologia burguesa. Nesse sentido, o trabalhador ganha um estatuto de superioridade epistêmica em relação aos outros sujeitos da classe burguesa. E aqui está o link mais significativo com as teorias perspectivistas.

Haraway critica frontalmente as ideias defendidas pelo pensamento marxista humanista, ao acusar sua incapacidade teórica de “historicizar as mulheres além do salário”³³, uma vez que as relações de produção são só visualizadas em função do par binário trabalhador versus burguês, em que a situação de opressão dos sujeitos é marcada unilateralmente pelas relações de trabalho. Aqui, a teoria marxista mantém silêncio em relação a como o gênero (e a raça) são dispositivos de opressão, inclusive *demarcando posições do trabalho*.

A autora aponta para um caráter de imortalidade e onipotência desses tipos de abordagens apresentadas até aqui, sugerindo que as mesmas propõem explicações aplicáveis de mundo que, em suma, recorrem a uma redução das operações epistemológicas à defesa de *meros jogos de poder* operados dentro de um campo agonístico de tecnologias semióticas, por via de um *sujeito epistemologicamente privilegiado* ou por um normativismo metodológico, que acabam por desaguar na realização de uma posição *esvaziada de poder*; isto é, que parte de lugar algum. Tais teorias³⁴ são responsáveis por defender uma realidade que se pretenda mais inocente e real, porque *revelam* os jogos de poder e/ou porque alcançam uma *objetividade ideal*. Essas versões da teoria Haraway nomeará de inocentes e irresponsáveis.

32 Bat Ami Bar On, em *Marginality and epistemic privilege*, critica essa posição, ao defender que, em Marx, a marginalização não é uma *pista ontológica* necessária para se definir privilégio epistêmico a um sujeito, isto é, os desempregados, mesmo que assumindo uma posição marginalizada, não assumem o mesmo papel epistêmico que o trabalhador. Aqui, Bar On marca uma diferença entre o *standpoint* e o marxismo, de modo que este último define um sujeito epistêmico privilegiado enquanto *desempenhando um papel na produção*, de modo sistêmico. Em relação ao *standpoint*, ela vê dificuldades na definição de uma marginalização que marcasse um sujeito epistemologicamente privilegiado. Segundo a autora, *só* ser mulher não indica muita coisa.

33 HARAWAY, Donna. “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”. Em *Cadernos Pagu* (22) 2004, Campinas. p. 213.

34 *Standpoint*, empirismo feminista e construtivismo social.

As feministas não precisam de uma doutrina de objetividade que prometa transcendência, uma estória que perca o rastro de suas mediações justamente quando alguém deva ser responsabilizado por algo, e poder instrumental ilimitado. Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submerjam no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro. (Haraway, 2009: 16)

A ideia da “persistência da visão” fornece uma *saída* para as teorias feministas da ciência levantadas que, para a autora, até agora apresentaram processos de teorização, que prometiam uma ciência *transcendente* que, em suma, operava *fora dos limites de conhecimento impostos pelas possibilidades de subjetivação parcial*. Ou seja, essas versões da epistemologia feminista ainda caíam no “truque de deus”, do olho que *tudo vê* e que parte de *lugar algum*³⁵, porque se encontra fora dos limites que a visão responsável e racional impõe para uma ciência parcializada e objetiva. A proposta da autora está nos saberes localizados. Haraway define:

Eis aqui a promessa de objetividade: um conhecedor científico não procura a posição de identidade com o objeto, mas de objetividade, isto é, de conexão parcial. Não há maneira de "estar" simultaneamente em todas, ou inteiramente em uma, das posições privilegiadas (subjugadas) estruturadas por gênero raça, nação e classe. E esta é uma lista resumida das posições críticas. [...] Gostaria de continuar apoiando-me metaforicamente num sistema sensorial muito difamado no discurso feminista: a visão. A visão pode ser útil para evitar oposições binárias. Gostaria de insistir na natureza corpórea de toda visão e assim resgatar o sistema sensorial que tem sido utilizado para significar um salto para fora do corpo marcado, para um olhar conquistador que não vem de lugar nenhum. Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando à representação. Este olhar significa as posições não marcadas de Homem e Branco, uma das várias tonalidades desagradáveis que a palavra objetividade tem para os ouvidos feministas nas sociedades científicas e tecnológicas, pós-industriais, militarizadas, racistas e dominadas pelos homens, isto é, aqui, na barriga do monstro, nos Estados Unidos no final dos anos 80. Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados. (Haraway, 2009: 26-27)

A ideia da visão passa a operar como metáfora para descrever, falando em termos mais científicas, as narrativas que organizam a prescrição das hipóteses de fundo das teorias científicas. A construção dessas hipóteses de fundo se daria a partir de uma *realização heurística*³⁶ na adoção de teorias, que é marcada, por exemplo, por relações de gênero. Em *Primate Visions*, Haraway vai mostrar como as hipóteses em primatologia e na teoria evolucionária dependem de

35Metáfora do olhar mítico representado na ideia de neutralidade que, em suma, descreve ou traduz o mundo como um espelho de seu próprio eu, dando a essa tradução a correspondência com um objeto que seria resultado de uma *descoberta* imparcial, que parte de lugar algum.

36Aqui, Helen Longino, debatendo com o empirismo feminista, propõe que os métodos de descoberta, que ela entende como heurísticos, são fundamentais na determinação e consideração de certo tipos de hipóteses e *outras não*. Segundo a autora, a investigação dos preconceitos androcêntricos e sexistas que vão ordenar os processos heurísticos de investigação é um passo importante na compreensão dos fatores que limitam as hipóteses em jogo em diferentes áreas do conhecimento, tal como o investimento em heurísticas alternativas opera na consideração de diferentes hipóteses. Op. cit, p. 101-102.

convenções narrativas, a exemplo da transição do macaco ao homínídeo narrado como um drama heroico e dos tropos como lançando primatas como espelhos da natureza humana. Embora essas convenções e tropos narrativos funcionem como um apelo retórico, *a evidência dos fatos não implica a sua adoção*.

A investigação crítica em torno da adoção de certas hipóteses e *outras não* na construção dos fatos em uma teoria expõe, segundo Haraway, um *modus operandi* da ciência. Ou seja, esclarecer as relações que *estão por trás* da adoção de certas hipóteses constitui propriamente um exercício de objetividade da ciência. Isso significa que, se o funcionamento da ciência se dá a partir da adoção de certas hipóteses de fundo que conduzirão uma teoria a uma descrição dos fatos, o exercício de avaliação de *como se conduz* a adoção dessas hipóteses exporia a *própria objetividade em seus termos*.

Se o gênero ou a raça foi e é uma metáfora importante na construção de certas narrativas e aceitação de hipóteses de fundo da ciência, expor criticamente essas relações significa tratar criticamente a ciência em suas práticas e refinar o caráter de sua objetividade. E é nesse exercício de análise que estaríamos, para Haraway, jogando o jogo da ciência em termos de objetividade e racionalidade, como uma proposta de revelar os seus “truques de Deus”, e invocando um saber parcializado a partir de um posicionamento responsável.

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação, nas quais parcialidade e não universalidade são a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo. Só o truque de deus é proibido. (Haraway, 2009: 30)

O “truque de Deus” está presente como metáfora nas narrativas que se posicionam, além das perspectivas apresentadas no construtivismo social e no empirismo feminista, nos posicionamentos que a autora vai chamar de relativistas. O vestígio da irresponsabilidade epistêmica se encontra nas alternativas relativistas, uma vez que a autora os classifica como uma *totalidade às avessas*. “O relativismo é um caminho do não estar em nenhum lugar, mas reivindicando o ser igualmente em todo lugar”. A ‘igualdade’ da posição é uma negatividade da responsabilidade e da avaliação crítica”.³⁷

Haraway quer dizer que o relativismo, tal como as teorias mencionadas anteriormente – que pretendiam uma objetividade marcada pela representação de um sujeito fixo (subjugado) ou de uma ciência *mais verdadeira porque livre dos jogos de poder sexistas* –, se apresenta como um pensamento que autoriza uma posição identitária, ou seja, que requer uma situação fixa que indica as condições em que serão *dadas* as representações do sujeito. Em suma, a pressuposição de uma medida de valor igual a todo *ponto de vista particular*.

37 HARAWAY, Donna, op. cit., p. 24.

Essa visão, lembrando a defesa de Haraway de que a “sujeição não deve ser a base para uma ontologia”, requer que a situação (ou posição identitária) apenas não deve determinar um ponto de vista. Desse modo, isso impediria a possibilidade da racionalidade, defendida pela autora, como *o que é passível de crítica*, ou mesmo feriria a sua definição do que é ter uma postura epistemologicamente responsável: *ter a capacidade de ser chamado a prestar contas*. O relativismo, ao entender todas as perspectivas a partir de um valor de igualdade epistêmica, suspenderia o próprio caráter de criticidade que Haraway alega ser a qualidade da ciência representada na ideia de um “modelo paradigmático do que é contestável”.³⁸

Todo saber é local e situacional, a ideia de uma base ontológica, de um “ser” coerente e epistemologicamente privilegiado (ou desprivilegiado) é o que mais tem representado o *poder da visão* no pensamento ocidental como um poder de quem “vê a partir do nada”. O sujeito fixo e não contraditório não é *passível de estar em algum lugar, de adotar uma perspectiva parcial e de ser chamado a prestar contas*.

A qualidade de ver bem ou de adotar uma perspectiva de um sujeito múltiplo e contraditório e não da “morte do sujeito”³⁹ é o que pode-se entender por sua proposta de refinar a ideia de objetividade a partir da crítica a uma noção metafórica do que até então tem-se construído como narrativas descomprometidas com o caráter corpóreo das teorias.

Em suma, o caráter corpóreo ou a corporificação das teorias é um movimento que se compromete com uma noção da natureza do conhecimento que, para Haraway, se dá a partir de uma localidade e parcialidade que são inscritas em um corpo, que nunca têm uma determinação ontológica e epistemológica fechada. Não têm, portanto, um sujeito fixo e um objeto fetichizado em completa neutralidade ou subjetividade, e que pode se situar em várias localidades. A defesa de uma racionalidade encarnada (ou corporificada) se insere no movimento de teorização, que se compromete com uma localidade que, no máximo, pode estabelecer formas de conhecimento que sejam objetivas, de acordo com traduções a locais subjetivos (não dados). De fato, à luz dessa interpretação, é *racionalmente e objetivamente válido* que a teoria evolucionista não seja traduzida da mesma forma para Darwin e Kropotkine, isso porque nem os animais e nem os pesquisadores *são os mesmos*, ou seja, eles partem de localidades e corpos diferentes.

Em um horizonte epistemológico, esses saberes localizados devem ser compartilhados dentro da comunidade acadêmica, a partir de um movimento de solidariedade política e engajamento em conversas epistêmicas que demonstrem um caráter de parcialidade, onde a única coisa que não deve ser permitida é o fechamento da posição da/o pesquisadora/r e o estancamento das diferenças de perspectiva na sustentação de programas epistemológicos.

A ciência, torna-se assim, o modelo paradigmático, não do fechamento, mas do que é contestável e contestado. A ciência torna-se o mito, não do que escapa à ação e à responsabilidade humanas, num domínio acima da disputa, mas, antes, de prestação de

³⁸ Idem, p. 33.

³⁹ Idem, p. 37. Aqui, Haraway prefere a abertura ou nascimento de “vários sujeitos”.

contas e de responsabilidade por traduções e de solidariedades, vinculando as visões cacofônicas e as vozes visionárias que caracterizam os saberes dos subjugados. Uma divisão dos sentidos, uma confusão entre voz e visão, mais do que ideias claras e distintas, torna-se a metáfora para a base do racional. Não buscamos os saberes comandados pelo falocentrismo (saudades da presença da Palavra única e verdadeira) e pela visão incorpórea, mas aqueles comandados pela visão parcial e pela voz limitada. Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas as possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular. A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. (Haraway, 2009: 33)

Passo para um último momento do capítulo, apresentando o status epistemológico dos objetos que são significados como “atores: o aparato da produção corporal”⁴⁰, quando Haraway procura criticar o estatuto ontológico dos objetos da ciência como amparado nas velhas dicotomias entre sujeito/objeto, cultura/natureza, sexo/gênero.

Para as epistemologias tradicionais a natureza do conhecimento é amparada pela dicotomia sujeito/objeto, no intuito de criar uma diferenciação do sujeito em relação a um objeto *no mundo*, organizando uma forma de conhecimento embasada em uma posição de neutralidade e imparcialidade. Esse tipo de conhecimento se dá pelo movimento de descoberta realizada por um sujeito racional que, se distanciando de seus pressupostos subjetivos, alcança o objeto da natureza em sua realidade objetiva.⁴¹ À luz dessa perspectiva, o objeto é passivo, enquanto motivado por uma operação da racionalidade do sujeito *conhecedor* que, por meio de uma metodologia orientada⁴², *conquista* um saber sobre o objeto no mundo.

Haraway aponta para uma *sacada* das feministas ao duvidarem dessa visão passiva do objeto, investindo em versões mais significativas das narrativas da ciência tradicional, que se utilizam de escolhas de metáforas sexistas para caracterizar a “fêmea”⁴³, como no exemplo anterior,

⁴⁰ Idem, p. 34.

⁴¹ Refiro-me ao que Juliana Góes vai chamar de tradição (neo)positivista da ciência: “O modelo hegemônico atual ao qual me refiro é o (neo)positivismo. Ele é um projeto baseado em um método científico que busca garantir a objetividade e a neutralidade. A lógica que guia este método é racionalista e empiricista, ela tem como primazia a observação de relações causais entre variáveis que testam e constroem hipóteses deduzidas de uma teoria geral. A análise destas relações causais, neste método, deve procurar afirmações gerais e universais da realidade, ou seja, deve buscar se aproximar ao máximo possível do encontro das ‘leis que explicam o funcionamento do mundo’. Assim, o conhecimento ‘digno’ seria aquele ‘capaz de transcender as particularidades e se colocar de maneira universal’. Por fim, a lógica do modelo (neo)positivista é exclusiva, ou seja, ela se coloca como a única correta e capaz de levar a algum tipo de conhecimento ‘real’ do mundo, de forma que toda atividade intelectual que não segue seu método é invalidada”. Ver GÓES, Juliana, op. cit., p. 02.

⁴² Nas *Meditações* Descartes estabelece um método que tenha como fim o conhecimento verdadeiro. Em um primeiro momento nosso conhecimento sensível estaria submetido ao engano sistemático, nos levando a um movimento de dúvida sistemática. Em um segundo momento, tudo é colocado sob questionamento. Entretanto, a própria capacidade de questionar é traduzida como algo inquestionável: temos aqui um terreno para a prova do *Cogito*. Ver ALMEIDA, D. M. “Análise da trama de argumentos na obra ‘Meditações’ cartesianas na construção da ideia do ‘Cogito’: uma proposta para um modelo didático para o ensino de Filosofia”. Em *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n.62, p. 295-308, out/dez. 2016.

⁴³ Em *Mamíferos, Primatologia e Sexologia*, Londa Schiebinger (1998) traça uma crítica a classificação taxonômica de Linnaeus, em sua introdução do termo *Mammalia* em meados do século XVIII. Ao categorizar o lugar dos humanos na natureza, Linnaeus elege as mamas como um critério de união dos seres humanos aos animais. O questionamento acerca do porquê a escolha das mamas e não outras características, como pelos ou buracos nos ouvidos, impõe certas leituras políticas acerca da escolha do termo. Dentre elas, a construção história relacionada ao gênero, indicando que o elo de aproximação do homem com a natureza estava ligado às fêmeas e ao contexto político e econômico da Europa do

que trata a decisão de narrar a transição do macaco ao homínídeo como um drama heroico focado em atividades presuntivamente masculinas, como a caça desempenhando o motor da evolução, obscurecendo alternativas menos dramáticas que são pelo menos igualmente apoiadas pelos dados e que também possam se concentrar em atividades presuntivamente femininas.⁴⁴

Haraway chama atenção para o par analítico sexo/gênero em que tradicionalmente se amparam as análises construtivistas feministas no que se refere a uma discriminação dos fatores biológicos (sexo) dos fatores construídos socialmente (gênero), admitindo que o corpo é uma página em branco disponível para inscrições sociais. Para a autora, o corpo tem em suas marcações (gênero, raça, sexualidade, etc) uma agência enquanto discurso epistemologicamente significativo.⁴⁵

Por último, Haraway se permite a metáfora dos corpos serem constituídos nos discursos pela mesma força onírica das representações de um poema, isso se dá na sua aposta em uma racionalidade que se constitui não em oposição ao processo de imaginação, mas que é justamente nesse processo imaginativo que é dado o seu limite e seu significado.⁴⁶ E é nesse horizonte imaginativo em que mito e realidade se cruzam que se constitui o objeto privilegiado da primatologia, isto é, o corpo primata como sendo “como parte do corpo da natureza, que pode ser lido como um mapa de poder”.⁴⁷

século XVIII, na necessidade de investir em estratégias que reduzissem as altas taxas de mortalidade infantil, incentivando às mulheres políticas de aleitamento materno e substituição de amas de leite, assim como parteiras por médicos. Ver discussão em ALZUGUIR, Fernanda V., NUCCI, “Marina. Maternidade mamífera? Concepções sobre a natureza e ciência em uma rede social de mães”. Em *Mediações*, V. 20, jan/jun 2015, p. 233.

44 Lanço aqui apenas uma ponte para as discussões que serão apresentadas no próximo capítulo.

45 Judith Butler também faz esse caminho crítico na sua teoria *Queer*: “Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino”. Op. cit., p. 26.

46 Haraway comenta: “Corpos biológicos são ‘produzidos’ ou ‘gerados’ com o mesmo sentido forte que o são os poemas? Desde o início do romantismo no final do século dezoito, muitos poetas e biólogos acreditaram que a poesia e o organismo são irmãos. Frankenstein pode ser lido como uma reflexão sobre esta proposta. Continuo a acreditar nessa poderosa proposta, mas com um modo de crer pós-moderno e não romântico”. Ver “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, op. cit., p. 39-40.

47 Como comenta Marília Rodrigues da Silva: “A primatologia, afirma a autora, diz respeito a uma ‘Ordem’ taxonômica, e por isso política, onde fronteiras que ordenam diferenças estão em constante negociação. Essas fronteiras, diz ela, marcam importantes territórios sociais, como a norma para a família apropriada, e são estabilizadas por práticas sociais que Foucault chamaria de disciplinares, especialmente práticas educacionais e médicas. Para ela, os dois principais eixos estruturantes das histórias científicas da primatologia são os dualismos sexo/gênero e natureza/cultura, além das fortes marcas de raça e nacionalidade que se fazem presentes nessas narrativas”. Ver SILVA, M. R. da. *Refigurando monstros: a perspectiva parcial de Donna Haraway como crítica da ciência*. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009., p. 51.

CAPÍTULO III - O CORPO PRIMATA EM *PRIMATE VISIONS*

3. Políticas da representação, engenharia genética, sociometria e o mapa da dominação: Akeley, Yerkes e Carpenter e a primatologia pré Segunda Guerra.

3.1 Políticas da representação

Em 1869, é inaugurado em Nova York o Museu Americano de História Natural. O African Hall ou Salão Akeley de Mamíferos Africanos tem, em seu centro, oito elefantes, cercados por 28 dioramas, nos quais se encontram leões, gorilas e rinocerontes. Inaugurado em 1936, o Salão Africano apresenta a comunhão entre a Era dos Mamíferos e a Era do Homem. O espaço oferece ao espectador um privilégio temporal (e moral): a *visão imediata* da origem selvagem, onde o presente pode ser transcendido para o Início, por via de uma conexão com a natureza *em seu estado intocado*. A imobilidade dos animais parece convergir com o status reivindicado para a história da origem, o encontro com a paz e com a ordem. Cada diorama conta uma história ou a História⁴⁸ da natureza harmônica e ordenada das hierarquias, da divisão sexual e corporal do trabalho reproduzida no organismo chamado *família*.

Um diorama é eminentemente uma história, parte da história natural. A história é contada nas páginas da natureza, lidas a olho nu. O habitat dos grupos de animais é capturado na visão de um fotógrafo e escultor. Eles são atores de uma peça da moral no palco da natureza, e o olho é o órgão crítico. Cada diorama contém um pequeno grupo de animais em primeiro plano, no meio de reproduções exatas de plantas, insetos, rochas, solo. Pinturas que lembram o cenário de filmes de Hollywood na parte de trás do grupo e até o teto, criando uma ótima visão panorâmica de uma cena no continente africano. Cada pintura é minuciosamente apropriada para os animais em primeiro plano. (Haraway, 1989: 28 e 30)

Essas divisões hierárquicas também incorporam divisões de raça, capturando *planos diferenciados* entre esculturas dos “primitivos” e do homem “civilizado”, isto é, esculturas de baixo-relevo e com planos centralizados respectivamente, acompanhando o progresso do Homem na história. Se a origem comunica a natureza em sua verdade e se essas divisões hierárquicas se apresentam na natureza, a *manutenção ou retorno* a essas formações hierárquicas representam o caminho para o Homem encontrar seu estágio *de evolução para uma sociedade ideal*.

Entre 1890 e 1930, o “Nature Moviment” estava em alta nos Estados Unidos, acompanhado de uma crítica aos efeitos do capitalismo tardio e da Primeira Guerra, isto é, da tecnologia ligada à indústria bélica. A “Máquina” representava um *mal estar na civilização*⁴⁹, uma ameaça ao status moral de um corpo político que vinha ganhando novos contornos, a partir de uma reestruturação da produção engendradora nos novos arranjos de classe, raça e gênero no final do século XIX.

⁴⁸História Universal, isto é, do Ocidente.

⁴⁹Analogia ao clássico de Freud *O Mal-estar na Civilização*, que realiza uma leitura dos efeitos da civilização como repressores das pulsões sexuais. Aqui, os efeitos sexuais se traduziriam mais como a busca por uma natureza *pura e ingênua* do homem.

A ameaça sugerida por esses novos arranjos traduzia-se como decadência do corpo social, isto é, desestabilização de certas organizações sexuais e raciais antes claramente contornadas. A cura para a decadência desencadeou os movimentos de eugenia, higienização e patologização na produção de um sintoma social associado à desordem, ao terror sexual e à castração. O apelo estético e moral liga holismo e realismo aos movimentos de representação da natureza. A *invenção* de um organismo harmonioso, homogêneo e ordenado nas cenas de origem foram um instrumento político e estilístico adotado pelo Museu Americano de História Natural para lidar com essas ameaças.

Três atividades públicas do Museu foram dedicadas a preservar uma masculinidade ameaçada: exposição, eugenia e conservação. Exposição era uma prática para produzir permanência, para deter a decadência. A eugenia era um movimento para preservar o estoque hereditário, garantir a pureza racial e impedir o suicídio racial. A conservação era uma política para preservar recursos, não apenas para a indústria, mas também para a formação moral, para a conquista da masculinidade. Todas as três atividades foram prescrições contra a decadência, a terrível doença da cultura imperialista, capitalista e branca. [...] Eles tentaram garantir a preservação sem fixação e paralisia, diante de mudanças extraordinárias nas relações de sexo, raça e classe. (Haraway, 1989: 55)

No interior das imagens colecionadas no Museu circulam três imagens explícitas: a natureza como feminina, a coragem como masculina e o Estado como a ordem social. A natureza toma o lugar do recurso misterioso e *imaculado* pela civilização e seus recursos tecnológicos; a coragem tem seu lugar na caça e na conquista, na disputa para recuperar ou *conquistar* o status ordenado e equilibrado da natureza; e o Estado como uma ilustração de um poder capaz de restaurar a ordem do corpo social por via da luta pela justiça, isto é, pelo *resgate* da história verdadeira. Todos esses signos operam na recuperação de uma masculinidade que entra em jogo nas disputas de significado sobre a história das origens.

Justiça, coragem e caça são as palavras que associam as imagens da vida de Roosevelt⁵⁰ nos murais retratando a sua vida, “vê-se o homem caçando grandes animais na África, realizando diplomacia nas Filipinas e na China, ajudando escoteiras, recebendo honras acadêmicas e presidindo o Canal do Panamá”⁵¹, e as esculturas de bronze em tamanho real de Carl Akeley, dos lanceiros Nandi da África Oriental, em uma caçada ao leão.

Em 1908, Carl Akeley, a convite de Henry F. Osborn, então presidente do Museu Americano de História Natural, muda-se para Nova York, com o projeto de organizar uma coleção de grandes mamíferos africanos. Entre 1909 e 1911, Akeley e Delia, sua esposa, viajam pela África Oriental Britânica, junto de Theodore Roosevelt e seu filho Kermit. A viagem é interrompida por um ataque de elefante sofrido por Akeley. Esse fato tem efeito na promoção da masculinidade de Akeley, pois o perigo incorpora o significado de um *exercício de comunhão com a natureza*. O sacrifício traduz-

50 Um dos fundadores do Museu Americano de História Natural.

51 HARAWAY, D. *Primate Visions*, op. cit., p. 28.

se na *abertura* da natureza para os significados do conhecimento e da verdade. A natureza ama os guerreiros e os presenteia com o conhecimento, ela é mulher.⁵²

Em 1924, Akeley volta à África Oriental, que lhe concedeu dez dioramas no Salão do Africano, dessa vez acompanhado de George Eastman, da Fortman Eastman Kodak, de Daniel Pomeroy e de sua *nova* esposa Mary L. Jobe (o nome de Delia simplesmente desaparece das narrativas relacionadas a Akeley).

Em 1930, Delia produz uma biografia de sua história de vida nas expedições à vida selvagem, reconstruindo uma tonalidade heterogênea às narrativas vinculadas a figura de Akeley: “Examinar e limpar as feridas do Sr. Akeley foi minha atenção primeira...O fato de suas feridas terem sido tratadas tão prontamente preveniu a infecção e, sem dúvida, salvou sua vida”⁵³. Aqui, o perigo e o risco assumidos por Akeley assumem uma nova leitura, isto é, de uma *mediação com o cuidado feminino*.

A figura de Delia não é a única a sofrer o efeito de desaparecimento nas narrativas que envolviam a vida de Akeley; *outras sequer apareciam*. Suas expedições assumiam a leitura de um homem aventureiro que *sai à caçada* em busca de uma *experiência imediata* com a vida selvagem. Essa experiência é narrada dentro de uma política de significados de uma masculinidade heroica. O que *não aparece* é que por trás de todo herói existe uma *equipe*.

A sobrevivência dos euro-americanos nos safáris dependia do trabalho físico e do conhecimento territorial e cultural dos africanos nativos. Os nativos não podiam caçar *independentemente* com uma arma na presença de um homem branco, o que faria sucumbir o status da masculinidade branca dada pelo exercício da caça. Aqui, o homem negro não vestiria bem a capa de um herói, *ele não é um Homem*. A maioria dos nativos só alcançavam o plano de fundo das fotos retiradas “em equipe” e não recebiam nomes nos relatórios de pesquisa, à exceção de “Bill”, que foi destacado pela sua inteligência que, por outro lado, levou-o à insubordinação e a certa recusa à tutela de outro homem branco, o que o levou a sofrer uma punição, “quando ‘Bill’ ativamente recusou-se a se submeter, quando Carl ‘achou necessário levá-lo pela mão para uma leve punição’, por mais uma recusa das ordens de um homem branco sobre o carregamento de bagagens”⁵⁴.

A participação ativa dos africanos nativos é silenciada para dar lugar a uma participação mediada pelo comando de pessoas brancas identificadas como os cientistas da cena da vida selvagem. Os africanos, como nativos, eram propriamente selvagens.

Os grandes salões do Museu Americano de História Natural não existiriam sem o trabalho de africanos (ou sul-americanos ou irlandeses e negros na América do Norte). Os Akeleys seriam os primeiros a reconhecer esse fato; mas eles alegariam que o princípio de organização veio dos gerentes brancos do safári, do colecionador de cientistas e de sua esposa administradora do campo, dos elementos da mente que supervisionam o princípio de execução. Desde o safári de 1895, dependente da viagem

⁵²Alusão ao trecho do livro de Friedrich Nietzsche *Assim falou Zaratustra*: “Descuidados, zombeteiros, violentos, assim nos quer a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro”.

⁵³ Idem, p. 50.

⁵⁴ Idem, p. 54.

a pé e das costas fortes dos "nativos", até os safaris a motor da década de 1920, a sobrevivência cotidiana dos euro-americanos no campo dependia do conhecimento, bom senso, trabalho duro e subordinação forçada de pessoas que os brancos insistiam em ver como crianças perpétuas ou como animais selvagens. Se uma pessoa negra realizou algum feito excepcional de inteligência ou ousadia, a explicação era que ele (ou ela?) foi inspirado, literalmente comovido, pelo espírito do mestre. Como Mary Jobe (1929b: 199) colocou em sua voz colonial inconsciente: "Era como se o espírito de seu mestre tivesse descido sobre ele, ativando-o a um esforço transcendente". (Haraway, 1989: 52).

Durante a Primeira Guerra, o nome de Akeley vinculava-se a várias patentes envolvendo negócios, câmera de cinema, armas e procedimentos taxidérmicos. Essas patentes revelam Akeley como um caçador, cientista e artista da cena de origem. *Perfeição*, a *visão* e a *verdade* eram valores que orbitavam a reconstrução dessa cena. A taxidermia funcionou como um instrumento de recuperação dessas imagens primordiais (se não, originais), revelando um encontro da tecnologia com uma proposta epistemológica acompanhada de uma estética realista, "taxidermia se tornou a arte mais adequada para uma instância de realismo epistemológico e estético"⁵⁵. Cabe, então, perguntar, como se constrói o objeto da taxidermia.

Em suas viagens para o safari, entre 1910-1911 e 1921, Akeley coletou um grupo de gorilas e um grupo de quatro elefantes, que foram montados em dioramas no grande salão Africano do Museu. Para o processo de montagem, Akeley estabelecia arbitrariamente um critério de dois grupos como cumprindo uma *totalidade orgânica de cada espécie*.

Certa vez, em sua viagem em 1921, Akeley atirou em um gorila, acreditando ser uma fêmea, mas logo se desapontou, ao se dar conta de que era um jovem macho. Seu desapontamento estava ligado a uma economia ética de matar *apenas o número de animais necessário*. O jovem macho se apresentava como desnecessário, segundo Akeley, porque, para ele, uma *família natural de gorilas só podia apresentar um macho*. Mais tarde, ficou aliviado ao se deparar com um grupo de gorilas composto diversamente por machos e fêmeas.

A escolha do animal também estava vinculada a perfeição de uma composição harmônica do organismo familiar, as ideias de proporção e hierarquia eram um valor intrínseco aos processos de caça, "um animal com presas assimétricas foi rejeitado, apesar de seu tamanho imponente. O caráter, assim como a mera aparência física, eram importantes para julgar um animal como perfeito"⁵⁶. Eram necessários dias para a caçada de um gorila macho adulto adequado, já para a fêmea perfeita *não era necessário muito empreendimento*.

Há uma outra qualidade essencial para o animal típico em sua expressão perfeita: ele deve ser um macho adulto. Akeley descreve a caça de muitas fêmeas bonitas, e ele cuidava de seus couros e outros detalhes de reconstrução com toda habilidade. Mas nunca foi necessário levar semanas e arriscar o sucesso de toda a empreitada para encontrar a fêmea perfeita. Existia uma imagem de um animal que de alguma forma era o gorila ou o elefante encarnado. Esse tom particular de perfeição só podia ser ouvido no modo masculino. (Haraway, 1989: 41)

55 Idem, p. 38

56 Idem, p. 41.

O surgimento do Museu Americano de História Natural representa o entrelaçamento entre ciência, política e tecnologia na disputa por uma narrativa de origem que põe em jogo os valores de visão, verdade e conhecimento. Esses três valores assumem uma posição imediata, isenta de negociações com mundo e com suas formações de poder, comungando com o paradigma da ciência moderna. A história de Akeley sugere que a *recuperação da cena original* requer a negociação com um comércio de significados que envolveram divórcio, comércio cinematográfico e armamentista, políticas raciais, recuperação de uma masculinidade ligada a reestruturação do capitalismo no início do século XX e a escolha arbitrária no registro da representação da natureza. Todas essas disputas estavam lá, mediando a transcendência da cena original para um passado intrinsecamente marcado pelo cenário atual de onde surgiram.

3.2 Engenharia genética

O termo *engenharia genética*⁵⁷ entra na linguagem em 1910, a partir de uma reestruturação do modelo de gestão científica associado ao taylorismo. Essa reestruturação se dá mediante o aparecimento de “secretários de assistência social” incorporados às relações industriais que iam se reconfigurando, em função de novos padrões de organização familiar, racial e de classe. A engenharia genética tem seu significado na manutenção, conservação e controle desses novos arranjos sociais, que se inscrevem na estrutura moderna. O estudo da *adaptabilidade comportamental* estruturou as práticas da engenharia genética.

Yerkes sentiu que a competição excessiva da sociedade industrial primitiva teria que ceder a uma abordagem em equipe. A hierarquia forneceria a estrutura para a cooperação. Na era da Depressão, a crítica amplamente compartilhada do capitalismo "irrestrito" era explícita. O associativismo funcionalista hierárquico não era apenas um ponto de vista psicológico comum. Informados pelos princípios vitais da vida e da mente, os objetos racionalmente organizados e diferenciados internamente da vida e das ciências humanas reforçaram as narrativas de origem política e econômica. (Haraway, 1989: 77)

Referido por Haraway como quem inaugurou a prática de uma *segundo nascimento* e de uma paternidade racional da primatologia, Robert Yerkes, um psicólogo americano pioneiro nos estudos de inteligência primata e comportamento social dos gorilas, orientava-se para o campo da fisiologia, debruçando-se no desenvolvimento dos estudos mentais. Em tais estudos, o processo evolutivo se realizava mediante atos de adaptação, orgânicos e visíveis, importantes para o estudo dos fatores que operavam sem um diagnóstico necessariamente orgânico ou visível, ou seja, a

⁵⁷Como argumenta Marília Rodrigues a Silva: “A engenharia humana surge como conceito no contexto dos Estados Unidos da reforma liberal que antecedeu a Primeira Guerra Mundial como o movimento de controlar o elemento humano da produção no nível individual e em grupo através do estudo e da manipulação do comportamento. Teorias biológicas do instinto eram cruciais para a administração social da produção e reprodução no pós-I Guerra, ao mesmo tempo que teorias biopsicológicas eram o elemento popular nas ideologias da autoexpressão e automelhoramento”. Em SILVA, M. R. da. *Refigurando monstros: a perspectiva parcial de Donna Haraway como crítica da ciência*, op. cit., p. 52.

consciência. Para Yerkes, a cooperação era o resultado da manifestação dos atos de adaptação que estavam ligados à expressão consciente.

A estrutura familiar constituía um lugar de *sintoma* para o estudo dos processos de cooperação e, aqui, é onde temos a concretização do movimento teórico em favor de uma economia sexual heteronormativa compulsória, tal como de laços hierarquizados (insistindo nos papéis da mulher e do homem) para manutenção da cooperação. O objeto da psicobiologia de Yerkes mirava a fisiologia reprodutiva em sua expressão individual e familiar, equacionando os estudos mentais com uma postura idealista e vitalista. A mente e a vida operavam interseccionalmente para o desenvolvimento do caráter adaptativo e, portanto, evolutivo humano.

“Os animais na solução de problemas incomuns ou na adaptação às exigências feitas por seu ambiente agem essencialmente como fazemos quando usamos ideias?”⁵⁸. Essas palavras de Yerkes introduzem seu objetivo com os estudos do associacionismo funcional do organismo social, isto é, a investigação de como se desenvolve a cadeia de processos que levam a um comportamento adaptativo e como se realiza essa adaptação. Para que esse processo ocorra, Yerkes o divide em três momentos: macaquear “*monkeying*” (enganar com as coisas, obtendo experiência útil por acidente); “imitação” (imitando outro organismo, direção da meta pouco clara); e “pensamento” (resolver problemas por insight ou previsão).

A tarefa de sua pergunta inicial era identificar os momentos implicados no processo adaptativo, nos quais o estágio de “pensar” se apresentava, isto é, que requeriam uma *inventividade* do organismo. A identificação desses momentos se fazia pela aplicação de mecanismos científicos de observação, controle e coleta de dados, entrecruzados com uma atitude naturalista e experimentalista de Yerkes, que separava dois grupos designados por: 1. observação de animais livres agindo espontaneamente; 2. controle das condições para produzir observações. Não existia uma diferença entre esses princípios usados para testes em animais ou humanos. O critério da *representação* e da *visão* operam como paradigmas centrais na elaboração de problemas e de resultados de pesquisa.

A família e a cooperação aparecem como unidades fundamentais no discurso de Yerkes, representando um espelhamento para tecnologias de autoaperfeiçoamento e *medicalização* do corpo social, representadas nos estudos sobre o sexo e a mente, nos quais os princípios fisiológico, psicológico e social nas ciências humanas e da vida operavam na definição da natureza da unidade social, de suas hierarquias e na centralização da dominação como um operador para o estudo dos conflitos sociais. A ciência de Yerkes também procurou definir uma demarcação das fronteiras entre regimes “autoritários” e democráticos, isto é, na classificação de princípios psicológicos que caracterizariam uma personalidade *patológica* ou “personalidade autoritária”.

58 YERKES, Robert M. *Almost Human*. New York: Century, 1925, p. 102.

Em Yerkes, a categoria analítica de dominação era empalidecida em função de estudos mais complexos dos processos de integração e cooperação social. “Certos fatos parecem indicar claramente que o sistema social dos chimpanzés tende a favorecer a evolução do serviço social e até mesmo o desenvolvimento de certos tipos de cooperação”⁵⁹. Yerkes pensava a dominação por via da organização social em torno de status, essa organização não era fundamentada por princípios sexuais, mas por um laço hereditário. “Assumindo que o domínio é hereditário e que a herança é independente do sexo, espera-se que homens e mulheres se tornem líderes criativos com frequência aproximadamente igual”⁶⁰. Essa asserção torna incompreensível os lugares que foram definidos na economia sexual equacionada em uma organização social do poder.

Não havia conspiração para colocar a ciência a serviço do capital branco dominante por homens envolvido nessa notável concatenação de organizações e pessoas. Operando na "categoria não marcada", onde as condições sociais da existência de alguém são invisíveis, esses homens viam seu papel como serviço humano e acreditavam fortemente na democracia, nos direitos individuais e na liberdade científica. Eles se viam como reformadores abnegados que acreditavam e praticavam a ciência. Eles ajudaram a definir o que poderia ser considerado racional, tornando até hoje o ato de marcar a categoria privilegiada como modificadores que parecerem meramente ideológicos. (Haraway, 1989: 68)

A nova ordem industrial, engendrada na década de 1930, apoiava-se em um processo de gestão dos efeitos do desenvolvimento industrial em uma nova economia, onde as divisões de raça, classe e sexo precisavam *ganhar novos contornos*. Esses novos contornos se davam a partir de uma *ameaça* a uma masculinidade branca dos países centrais, em função de mudanças estruturais dadas no capitalismo tardio, como a mudança nos quadros de imigração, regulação de classes trabalhadoras não brancas e sustentação de uma estrutura familiar centrada economicamente na figura paterna.⁶¹

As escolhas teóricas de Yerkes em torno do estudo da cooperação e integração social não estavam desvinculadas dos interesses em *verter esses novos quadros* políticos, econômicos e ideológicos em uma política de medicalização e conservação de um corpo social ameaçado pela decadência. Medicalização traduzir-se-ia nos processos de higienização e eugenia.⁶²

⁵⁹HARAWAY, Donna, op. cit., p. 79.

⁶⁰ Idem, p. 80.

⁶¹HARAWAY, Donna J. (2000), “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. Em SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.. p.71 e 72.

⁶²Aqui faço uma ponte com o pensamento de Foucault trabalhado por Rafaela Teixeira e Murilo Galvão: “Nesse sentido, a medicina de intervenção autoritária – na qual Foucault se detém ao falar da formação das práticas higienistas na Europa – está em um campo cada vez mais amplo da existência individual e coletiva, e acirrou-se no decorrer do século XX e XXI, sob outros modos. Hoje, a medicina está dotada de um poder autoritário com funções normalizadoras que extrapolam a existência das doenças e das demandas do doente. O século XX inventou, no campo médico, uma sociedade regida pela norma, na qual o que importa não são somente códigos e leis a cumprir, mas o manejo da distinção ténue entre normal e anormal, afinal, a ‘medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores’ [...] Não é sem motivo que as quatro estratégias do dispositivo da sexualidade giram em torno da família: a histericização dos corpos femininos; a pedagogização do sexo das crianças; a psiquiatrização do prazer perverso/adulto; e a socialização das condutas de procriação”. Ver ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; CRUZ, Murilo Galvão Amancio. “O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970”. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 2018, 727, p. 723.

Os estudos de Yerkes estiveram vinculados as instituições como o Museu Americano de História Natural e o Instituto Rockefeller que, em suma, eram patrocinadas por uma elite branca e masculina norte-americana. Em 1921, temos o Segundo Congresso Internacional de Eugenia, no Museu Americano de História Nacional, contando com uma aproximação com os trabalhos de Yerkes, ligado a suas preocupações e resultados de pesquisa. “Tudo a serviço da ciência”.

A natureza da personalidade e da vocação social, nos estudos de Yerkes, era medida a partir de um sistema que valorava o trabalho a partir de um modelo salarial *justo*, isto é, dentro de uma perspectiva liberal moderna em que *todos os corpos ganham um valor de igualdade*. As investigações dessa natureza se davam a partir de métodos científicos que tornavam possível medi-la de forma *objetiva e neutra*. No cálculo da medição do desenvolvimento da personalidade e da vocação social individuais, não foram contadas as propriedades inerentes aos corpos marcados, isto é, só o corpo desencarnado foi passível de medida racional. “Ele começou, reivindicando olhar confiantemente para a pesquisa desinteressada, visando guiar nossa espécie a uma solução sábia para o problema de se o sistema industrial e seus produtos (devem) ser tratados como fins ou meios para o bem-estar do ser humano”⁶³. No entanto, ainda havia uma *desigualdade* na medida conceitual da categoria de dominação, fêmeas/mulheres ainda ocupavam um lugar de *receptividade* dentro de uma economia sexual distributiva do sexo, ou do acasalamento, ou da trepada.

Seus preocupações eram com a "receptividade" feminina e o "domínio" masculino e feminino em relação à vontade de acasalar. Os Laboratórios de Yale estabeleceram um período de comportamento estro nos chimpanzés. Uma suposição norteadora foi que a periodicidade da receptividade sexual feminina diminuiu com o aumento da inteligência e do domínio masculino. Como os chimpanzés pontuariam em relação ao rhesus e que luz poderia ser lançada sobre o ajuste sexual humano no casamento? Yerkes desejava distinguir e medir a "receptividade" feminina, o "desejo" masculino e a "aceitabilidade". O procedimento era observar centenas de ensaios de acasalamento e registrar observações em uma folha de pontuação padronizada. As questões da expectativa do observador que determinam as observações, apesar das precauções claramente honestas na coleta de dados, merecem uma discussão detalhada. A crença na objetividade dotou centenas de folhas de dados padronizadas com grandes poderes. (Haraway, 1989: 78)

Se há uma *escolha teórica* dos termos “receptivo” para caracterizar a sexualidade feminina e “dominante” para caracterizar a sexualidade masculina no direcionamento prévio de todo um processo de observação, coleta de dados e interpretação de resultados, como podemos admitir uma neutralidade das relações de gênero *nos resultados da investigação científica*?

3.3 Sociometria e o mapa da dominação

Antes da Segunda Guerra Mundial, os primatas ocupavam estritamente dois lugares: o laboratório e o museu. Se vivos, estavam sob observação regulada por uma metodologia instrumental de laboratório e, se mortos, estavam presentes nos dioramas ou em retratos de caça. A

63 HARAWAY, D. *Primate Visions*, op. cit., p. 78.

exceção era dos capturados em *expedições à vida selvagem* para serem comercializados no mercado de entretenimento, como nos circos, ou para serem registrados nos estudos de campo naturalistas de Clarence Ray Carpenter. O campo não era uma cena potente para a captura científica da vida primata, mas o cenário muda no pós Segunda Guerra.

As lentes de Carpenter previam capturar a visão imediata da natureza, não mediada, através de uma política textual onde se cruzavam sociometria⁶⁴, socioeconomia do sexo (eficiência sexual) e cinematografia. “Por que os animais vivem em grupos?”, essa foi uma questão central que deu início aos estudos de campo de Carpenter.

No dia 02 de dezembro de 1938, cerca de 450 macacos indianos capturados chegaram a Porto Rico, depois de uma viagem de seis semanas de navio. Os estudos envolvendo esse grupo de macacos foi conduzido por um jovem psicólogo comparativo do departamento de anatomia do colégio de médicos e cirurgiões da Universidade de Columbia, que vinha a ser Carpenter.

Carpenter investigava como se estabeleciam os vínculos sociais e as possibilidades de cooperação e integração social em primatas. O caminho para a resposta direcionava-se para três eixos principais: 1. o estudo de dominância como o principal mecanismo de integração da sociedade primata; 2. mapeamento sociométrico das relações de dominância e outros laços sociais; 3. a análise de interações inter e intragrupos como produzindo sinais para se entender o funcionamento de um sistema social⁶⁵. Esses eixos se organizaram na contagem e divisão de categorias de animais em grupo, no mapeamento das posições, e das possíveis divisões sociais para definição do status sexual das fêmeas em relação a sua integração com os machos no grupo.

Carpenter enfraqueceu a influência das condições ecológicas na determinação de uma caracterização de grupo social, concentrando-se nos estudos em torno dos operadores psicológicos e fisiológicos na caracterização do padrão de comportamento social de um grupo.

As relações de integração e diferenciação dentro dos grupos sociais se davam a partir dos eixos analíticos em torno da dominância e do controle. Esses eixos eram regulados em função de uma *economia sexual* na qual os machos eram os sujeitos do domínio na disputa pela sexualidade da fêmea, e as fêmeas ligavam-se aos grupos pela estrutura de dominação formada pelos machos. Aqui, a resposta para a pergunta inicial de Carpenter fica mais clara, a integração social é fundada por um mapa social da dominação desenhado a partir de um sucesso reprodutivo do grupo, em que as fêmeas têm o seu status sexual e posição social *subordinado* a uma estrutura de dominação mediado pela disputa masculina.

Os mapas revelaram o controle social do grupo. O controle sempre foi baseado em algum grau de dominância, geralmente, mas nem sempre, por homens adultos. O status era mensurável e relacionava-se com a quantidade (ou intensidade) de controle derivada diretamente da dominância. Os primatas, diferentemente das pessoas, não

⁶⁴Termo cunhado na década de 1950 por Jacob Levy Moreno, define-se nos estudos das proximidades e rejeições dos indivíduos dentro de determinado grupo. Sua aplicação se concentra em testes sociométricos que permitem descobrir as semelhanças e as diferenças entre os indivíduos que compõem o grupo e é representada por uma rede chamada *sociograma*.

⁶⁵ Idem, p. 92.

possuíam controles extragrupos elaborados. Os grupos de primatas semi-fechados foram gerenciados pela razão sexual socionômica, padrões de vínculo social e condicionamento psicológico ao território. A diferenciação intragrupo foi limitada pelo grau de elaboração dos eixos de dominância (hierarquias de status). As relações intergrupos foram restringidas por mecanismos competitivos como território, defesa e ausência de linguagem. (Haraway, 1989: 72)

Em 04 de junho de 1940, Carpenter organizou um experimento chamado “erro experimental” (*defect experiment*, no original)⁶⁶ com duração de três semanas. O experimento se deu em torno do grupo considerado mais dominante a se formar na ilha de Porto Rico. A operação consistia inicialmente na retirada de Diablo, indicado como o “líder” do grupo, constituído por cerca de 85 animais, incluindo 7 machos adultos. Esse movimento, para Carpenter, era como uma “intervenção cirúrgica” no grupo, *o corte da cabeça*. No dia 11 de junho, M174 foi o próximo macho na hierarquia de “liderança” a ser retirado do grupo. Em 17 de junho Carpenter autorizou a remoção do terceiro macho da hierarquia.

O que se observou dessas intervenções foi um aumento excessivo dos conflitos e estreitamento das atividades interativas em grupo, acompanhado de um movimento de reestruturação e realocação das formações hierárquicas anteriores por parte dos machos que ocupavam antes posições subordinadas e, agora, passavam a ocupar posições centrais entre as fêmeas. Na tentativa de reestruturação das hierarquias anteriores ocupadas pelos machos também pôde-se observar lutas femininas, que passaram a receber atenção no momento em que foram desintegradas as relações estáveis para dar lugar às outras formações e fluxos sociais. No dia 26 de junho, Carpenter reintegrou os machos “dominantes” ao grupo e a ordem social foi restabelecida. Uma pergunta que se pode fazer: por que nunca foi retirado alguma fêmea?

Ao centralizar a construção do mapa social de um grupo a partir de enredos dramáticos, envolvidos em processos de disputa e dominação, em que os sujeitos localizados nesses processos são estritamente masculinos, Carpenter ofereceu pouco espaço para a participação ativa e para o *agenciamento* feminino nas atividades do corpo social como um todo. Só quando foi desestabilizado o quadro anterior das relações estáveis do grupo é que puderam aparecer as disputas femininas por posições sociais.

Vale perguntar, é necessário *desaparecer* com os machos “dominantes” para que as fêmeas tenham alguma atividade *ativa* no grupo? Onde estão as fêmeas/mulheres nessas disputas? Elas são sujeitos de disputas? É possível encontrar algum rastro na história do desenvolvimento e interação dos grupos primatas além dos eixos analíticos em torno das disputas?

3.4 Engenharia cibernética, restauração da “natureza” e a *National Geographic*: Carter e Goodall e as emergências da primatologia pós Segunda Guerra.

66 HARAWAY, Donna. *Primate Visions. Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*, op. cit., p. 90.

3.4.1 Engenharia cibernética

O movimento de teorização dos primatas humanos e não humanos caracterizado por Haraway como um *segundo texto da primatologia*⁶⁷ oferece uma resposta às novas dinâmicas de relações engendradas pelo capitalismo tardio e por uma estratégia de gerenciamento do estresse no período pós-guerra. Aqui, as categorias filosóficas do individualismo liberal reestruturaram o tráfego das fronteiras entre natureza e cultura. As capacidades mentais e emocionais dos símios passaram a ser medidas e documentadas em um mercado de significados que vinculava comportamento estratégico complexo às condições intrínsecas de desenvolvimento do *corpo social*. Genes, organismos e mentes⁶⁸ incorporaram o objeto biopolítico dos estudos em primatas na industrialização tardia, na qual o organismo passa a ser conectado com sistemas de comunicação altamente tecnologizados. Esse é o contexto do aparecimento da sociobiologia.

O surgimento desse quadro faz parte da pré-história da sociobiologia e parte da profunda transformação das áreas centrais da biologia desde a Segunda Guerra Mundial, a partir de um discurso sobre organismos fisiológicos, ordenado pela divisão hierárquica do trabalho e pelo princípio da homeostase e a um discurso sobre sistemas tecnológicos cibernéticos, ordenado por princípios de engenharia de comunicações e um princípio fortemente associado à seleção natural. Os tipos de objetos técnico-naturais incorporados nas teorias da comunicação emergiram complexamente de práticas de pesquisa operacional relacionadas à guerra, teorias positivistas de linguagem e informação, pesquisa na indústria telefônica e gestão do trabalho em tempo de guerra, bem como na ampla promoção desses pontos de vista através de políticas de fundação, conferências, novas oportunidades técnicas e redes sociais após a guerra. (Haraway, 1989: 101)

A sociobiologia dá lugar a um novo objeto técnico-natural nas ciências naturais e humanas, em detrimento dos níveis de explicação biológicos ou reduzidos às leis naturais, no qual o status ontológico dos organismos políticos, sociais e naturais passam a incorporar uma “metafísica cultural do capitalismo tardio”, que se estrutura em uma realidade tecnocientífica em termos da engenharia cibernética.

A engenharia cibernética passa a governar os novos problemas sociais do pós-guerra, envolvendo-os nas preocupações relacionadas ao gerenciamento do estresse e aperfeiçoamento da comunicação, ou gerenciamento dos ruídos, de uma sociedade que acabava de sair de duas guerras

67 Têm como marco o discurso do humanismo das Nações Unidas, inaugurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e nas declarações de raça de 1950 e 1951 da UNESCO. Estas últimas se devem à tarefa da antropologia física em reanimar os fósseis recém-descobertos na África, dando suporte para o discurso de que a ciência não fornecia prova da desigualdade racial herdada na inteligência, afirmando que "as evidências científicas indicam que a gama de capacidades mentais em todos os grupos étnicos é praticamente a mesma". Essa defesa se fundamentou no resgate da tese do Homem-caçador para explicar a unidade humana organizada em torno do *Homo Sapiens* como uma espécie que une todos os homens em uma *disposição comum para o aprendizado e para a evolução*. Aqui, as problemáticas em torno das abordagens tipológicas do sexo e do gênero da tese do Homem-caçador *não são tocadas*. O passo de investigação da problemática dessa abordagem será apresentada por Haraway no que ela chamará de um *terceiro texto da primatologia*, tratado na última sessão desse capítulo.

68 Haraway se refere a uma mudança do status epistêmico das ciências naturais e sociais, no sentido de que seus objetos estarem imersos em um contexto comum da engenharia cibernética, ou seja, incorporados pela metafísica cultural do capitalismo tardio. Natureza e cultura passam a permear um mesmo cenário objetificado nos novos problemas engendrados no pós-guerra. Idem, p.108.

mundiais e encarava novas demandas do capitalismo tardio. Tais demandas consistiam na regulação populacional, na redefinição da estrutura familiar antes amparada em um modelo patriarcal que foi modificado pela entrada de mulheres brancas e de classe média no mercado de trabalho, na depressão, no infanticídio, no abuso infantil, etc.⁶⁹

Aqui, os estudos com primatas desempenham um espelho para a *reabilitação* social, um caminho de remodelagem cultural a partir do status de origem, de uma natureza *pura de constrangimentos culturais*, no qual os estudos com primatas, representando o objeto técnico-natural privilegiado da sociobiologia, não teria sentido *fora das agendas das sociedades Ocidentais*.

Esse movimento de reabilitação foi traduzido, no final de década de 1970, por via de políticas de resgate de animais mantidos em cárcere, com o fim de restaurá-los à “natureza”, sob a mediação de uma ciência marcada pelas práticas de mulheres brancas acompanhando a reconstrução da cena de origem, movimento que também traduziu-se em altas audiências de programas de TV e em campanhas publicitárias de grandes empresas petrolíferas.

3.4.2 Restauração da “natureza”

Em 1977, inaugurou-se o Centro de Reabilitação de Chimpanzés de Mount Asserik, no Parque Nacional Nio-kolo Koba, no Senegal, como um proeminente programa para a reabilitação de chimpanzés órfãos confiscados da criação doméstica ou fruto de comércio ilegal como uma política de reestruturação da primatologia no pós-guerra. Janis Carter faz o mesmo caminho na Gâmbia, iniciando o processo de reabilitação com Lucy, a filha chimpanzé de Temerlin.

A transição de Lucy para um habitat livre se deu pela mediação de um “filho adotivo”, acompanhando um bebê chimpanzé na estação de reabilitação. A relação de cuidado materno sugeria uma espécie de *aproximação de Lucy à natureza*. A linguagem de sinais americana, AMESLAN, era um recurso de aproximação do primata humano com o não humano. O significado desse recurso repousava no entendimento do corpo primata como base para a investigação dos sistemas de linguagem e gerenciamento da comunicação decorrente das novas demandas iniciadas no pós-guerra. Esse tipo de linguagem era parcialmente utilizado entre Carter e Lucy. Carter relatava que a comunicação entre as duas *se dava de outra maneira*.

A dinâmica remontada na complexidade do modo como se geria a comunicação entre as duas acompanha a leitura que Carter fez de Lucy, de um modo *não inocente* e romantizado. O corpo de Lucy se inscrevia como fronteiroço entre civilização e natureza, assim como o de Carter.

⁶⁹ Afirma Haraway: “O vínculo mãe-bebê em famílias brancas com mães de classe média que trabalham fora de casa, formação de sistemas afetivos heterossexuais, depressão, agressão patológica, abuso infantil, infanticídio e cooperação social corporativa entre homens e homens foram apenas alguns dos focos. [...] Alguns macacos e chimpanzés entraram no laboratório ou foram construídos no campo para modelar a ‘cultura’, enquanto outros foram resgatados de donos de animais ou contrabandistas ilegais e restaurados à ‘natureza’ sob os cuidados anunciados por mulheres brancas científicas. Ambos os movimentos foram cruciais para o mapeamento dos dilemas da realidade social do final do século XX no Ocidente”. *Primate Visions*, op. cit., p. 129.

A situação de exílio e reabilitação marcam Lucy em uma posição na qual os lugares de um adulto ocidentalizado ou de uma criança selvagem que *retorna ao jardim* estão ausentes de significado, assim como a posição de cientista e mulher ocupada por Carter empresta-lhe as mesmas ambiguidades em relação a essas posições, tornando possível que o pertencimento ambíguo às categorias de natureza e cultura comum entre as duas tenha sido substancial na criação de uma *linguagem alternativa*.

Aqui, os mitos de origem como sustentadores de um dualismo entre natureza e cultura perdem espaço para um corpo primata marcado por processos históricos pessoais, que sustentavam uma complexidade de vínculos e rupturas que, no limite, tornavam sem significado qualquer posição imediata que sujeito e objeto e seus respectivos lugares de agência e submissão pudessem desempenhar. Haraway afirma nessa relação uma operação onde os significados de cultura e natureza passam a ser reestruturados a partir da quebra de noções estruturadas entre sujeito e objeto, em que ambos se sustentam em posições assimetricamente fixadas. O que, para a autora, deu abertura para a formação de uma trajetória epistemológica séria e responsável.

Carter, ao considerar os efeitos históricos da socialização em cárcere de Lucy, além de um animal que precisa ser reinserido na natureza, a vê como um adulto com laços emocionais investidos de agência. Simbólica e materialmente, as fronteiras entre pesquisadora e objeto pesquisado vão se perdendo de vista, quando começam a aparecer os custos, política e culturalmente investidos, para o movimento necessário na construção de uma linguagem em comum entre as duas.⁷⁰

3.4.3 O programa da *National Geographic*

Em 1984, a Gulf Oil Corporation, oitava maior empresa em produção de petróleo em 1941 e a nona maior em 1979, comemorando os nove anos de subscrição de especiais de televisão do programa *National Geographic*⁷¹, publicou um anúncio na *Natural History Magazine* intitulado “Understanding Is Everything”, não por acaso no mesmo ano em que a empresa enfrentava uma crise econômica em função da formação da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que culminou na nacionalização de reservas de petróleo no Oriente Médio⁷². Aliado a esse contexto, as ameaças de uma “crise energética” ligada à pressão midiática em torno dos lucros

⁷⁰ Segundo Haraway, “nesta narrativa, Carter e Lucy começaram como adultos na civilização ocidental, marcados por histórias pessoais e globais cheias de substituições, vínculos e rupturas, que dotavam cada ser com suas forças e vulnerabilidades. Para Carter, Lucy não teve acesso imediato ao animal original e à natureza humana adquirida. Em uma trágica história de exílio, reabilitação, realização e morte, o chimpanzé não teve acesso livre a nenhum deles e, no entanto, foi construído por ambos. Carter retratou Lucy como um ser adulto forte, com forças emocionais desde a infância em um lar humano; mas Carter não via Lucy - nem a si mesma - como uma romântica inocente”. Idem, p. 131.

⁷¹ Cinco dos especiais eram sobre primatas não humanos: Miss Goodall and the Wild Chimpanzees (1965), Monkeys, Apes and Man (1971), Search for the Great Apes (1975), Gorilla (1981), e Among the Wild Chimpanzees (1984).

⁷² Em 1970, aliada a British Petroleum, a Gulf Oil arrecadou cerca de US \$ 1 milhão por dia pelos ricos campos de petróleo de um pequeno país do Oriente Médio.

e das políticas internacionais das empresas de petróleo levou a Gulf Oil a *adotar* uma agenda publicitária, envolvendo a preocupação com a restauração e preservação ambiental por via de um investimento no *conhecimento* e na *produção científica*. “Foi um bom momento para o Golfo se associar à tese de que nenhuma pessoa consciente pode compartilhar a destruição de qualquer coisa cujo valor ele entenda”.⁷³.

O anúncio acompanhava uma imagem central. Duas mãos entrelaçadas, uma marcada por pelos pretos e traços grosseiros e a outra por uma pele branca, toque delicado e *unhas feitas*. A primeira mão era de um primata não humano, e a segunda, de Jane Goodall.

Aqui, os Pais da primatologia moderna⁷⁴ são substituídos pela Mãe (branca) mediadora da comunicação *sem ruídos* entre natureza e ciência. Diferente das *tecnologias de visão* dos dioramas de Akeley, acionadas pela toque *mediado* por uma transgressão temporal do objeto fixado, os objetos de Goodall traduzem-se no toque espontâneo e na observação *sem mediação temporal*. O objeto do conhecimento não está mais congelado no tempo, aqui transfigura-se no *dar-se ao contato* do toque. “Inserindo notas sobre o comportamento de Naomi na minha folha de dados da prancheta, de repente senti mãos pequenas tocarem minhas costas, tão suavemente no começo que não consegui identificar a sensação. Eu lentamente me virei e vi que era Robin [...] Foi um gesto que me emocionou”, completou Shirley Strum. Aqui, a pesquisa de campo, a comunicação espontânea e a mulher branca cientista se tornavam chave para *um novo entendimento do cenário de origem*.

E aqui, no abraço manual do chimpanzé ao humano, como na experiência do imediatismo no African Hall, a pergunta é inevitável: o que medeia a espontaneidade? Qual é a história desse toque? Se Akeley mediu sua masculinidade pela proximidade da visão que ele poderia alcançar de um gorila antes de disparar com sua câmera e sua arma, qual é a medida da distância nos filmes da National Geographic e o que está sendo medido? De que ponto de vista a distância é calibrada e a proximidade negociada? Outra maneira de colocar essas questões se sugere: quando a mulher (branca) pode representar melhor o homem (espécie)? Como os códigos de raça, espécie, gênero e ciência funcionam para reinventar a natureza no público do Terceiro Mundo para o Primeiro Mundo dentro do capitalismo multinacional pós-colonial? (Haraway, 1989: 135)

Em 1957, Jane Goodall conheceu Louis Leakey por intermédio do seu trabalho como assistente no Museu de História Natural de Coryndon, localizado em Nairobi. Leakey via um cenário produtivo nas investigações em torno dos cenários evolutivos nas margens do lago da Reserva de Gombe Stream, onde haviam sido encontrados restos humanos primitivos. Goodall, que realizava pesquisas em escavações arqueológicas-paleontológicas em Olduvai, foi escalada por Leakey para realizar os estudos com chimpanzés selvagens em Gombe. Ela tinha 23 anos e um requisito para sua viagem era a presença de sua mãe, uma vez que as autoridades de Tanganyika impediam que Goodall estabelecesse seus estudos de campo “sozinha”. Em 1960, ela chega a Gombe na companhia de Game Ranger, David Anstey e Vanne Goodall. O programa *National*

⁷³ Idem, p. 135.

⁷⁴ Discutidos na sessão 3 deste capítulo.

Geographic ganha uma protagonista no culto cinematográfico pela disputa da cena original e do controle da narrativa do que significava popularmente como “sociedade de primatas”.

Nas primeiras cenas do filme, o espectador aprendeu que Louis Leakey enviou "Jane" para o campo para explorar as origens do homem, porque ela era uma "garota sem treinamento especial, mas com aptidão natural ... sem idéias preconcebidas". No decorrer do filme, Goodall "não negligencia nenhum detalhe" que possa lançar luz sobre o mistério do homem e o segredo do chimpanzé. Ela é menos uma cientista do século XX do que uma garota guia. As descobertas que ela faz - chimpanzés mascando folhas e usando-as para ensopar água como uma esponja, modificando a grama para investigar montes de cupins para insetos saborosos [...] todos foram codificados na narrativa de histórias de origem ocidental. Welles: “Até hoje, somente o homem era o fabricante de ferramentas”. Leakey: “Agora devemos redefinir o homem ou redefinir as ferramentas” (Haraway, 1989: 182).

O início do trabalho de Goodall fez parte de uma generalização dos estudos direcionados a mulheres nas posições de assistente de pesquisa. Ela estudava o comportamento social e o desenvolvimento infantil de primatas, centralizando-se nas relações entre mãe-bebê. Os estudos em torno da relação mãe-bebê sustentavam uma abordagem e um limite teórico para o papel das fêmeas, que se inscreviam no conceito de corpo social ou comunidade como chave para os estudos da maternidade, em termos funcionalistas e psicológicos. Nenhuma pergunta além do que constituía os laços da fêmea com o cuidado materno era frutífera para as abordagens em ecologia comportamental, socioecologia e sociobiologia sobre a sua contribuição na formação da unidade social.

O conceito de “comunidade” nas pesquisas em Gombe foi estruturado dentro de uma escolha conceitual que privilegiava as interações masculinas, isto é, as interações femininas subordinavam-se ao vínculo de uma função atribuída ao masculino. “Bygott descreveu as fêmeas como vivendo na comunidade masculina, mais ou menos como objetos de valor dentro das organizações masculinas compartilhadas”⁷⁵. Aqui, “violência” e “cooperação” eram eixos de investigação que destacavam os machos como disputando uma competição por status social.

Para Goodall, essa competição por status não era o eixo estruturador de um agrupamento social, que devia sua estabilidade ao relacionamento centrado no vínculo mãe-bebê. Essas disputas masculinas ligavam-se a agrupamentos nômades que possuíam uma fluidez maior em relação as fronteiras sociais e territoriais dos grupos estáveis. Ambos agrupamentos compartilhavam uma rede de significados em torno da *passividade* e da *harmonia* da unidade do corpo social, acompanhando as agendas culturais e políticas de um mundo pós-guerra preocupado com o gerenciamento do estresse e com a falha dos sistemas de comunicação.

As primeiras descrições de Goodall da organização social dos chimpanzés identificaram apenas um agrupamento social estável: a mãe e seus filhos dependentes. Caso contrário, os chimpanzés foram descritos como associados de maneira fluida e principalmente pacífica em faixas nômades, sem defender fronteiras sociais ou territoriais entre bandas ou partidos. [...] Cultural e politicamente, as primeiras considerações de Gombe se encaixam

⁷⁵ Idem, p. 175.

nas preocupações européias e euro-americanas contemporâneas. Os relatos ofereciam um reino pacífico, uma parte do código dual de uma cultura obcecada por explicações e terapias psicológicas para todos os tipos de conflitos e dores históricos. A agressão masculina era uma preocupação de Goodall, mas não definia o que contava como sociedade de chimpanzés. (Haraway, 1989: 175)

As investigações em torno do vínculo mãe-bebê eram abundantes, os machos eram analisados sob vários aspectos comportamentais envolvendo predação, comportamento sexual e uso de ferramentas. No entanto, o estudo das interações entre mulheres adultas teve pouco espaço (ou quase nenhum), limitando as relações das fêmeas a seu papel social ligado à maternidade. Lori Baldwin, uma das estudantes que acompanhavam as pesquisas em Gombe, se dedicou a estudar as interações de mulheres adultas, sua pesquisa foi anunciada por Goodall, mas nunca apareceu comentada nos especiais.

Em 1963, Goodall iniciou a instalação de uma estação de alimentação em Gombe. A proposta era criar um circuito onde a observação das interações pudesse ser sistematizada privilegiando os contatos espontâneos. Em 1964, 45 chimpanzés visitavam regularmente o acampamento. Em 1968, a estação foi interrompida em função de um *distúrbio* causado pela concentração dos grupos em torno de uma fonte de alimentação que foi conduzida artificialmente, o que trouxe novas disputas e um desequilíbrio das organizações anteriores em torno da alimentação. Em 1965, já com uma carreira científica consolidada, Goodall, acompanhada de seu marido e cinegrafista Hugo Van Lawick, deixa Gombe para concluir seu doutorado na Universidade de Cambridge. No mesmo ano, estreia pela *National Geographic* o especial *Miss Goodall and the Wild Chimpanzees*, com uma audiência de 25 milhões de telespectadores na América do Norte, um público significativo até para os dias atuais.

Em 1967, Gombe se torna parque nacional da Tanzânia, vinculando turismo com as políticas de *conservação da vida selvagem*. Em 1975, o Parque Nacional de Gombe tem os seus estudos interrompidos como resultado do sequestro de quatro de seus estudantes pelas guerrilhas que se formavam em Zaire.⁷⁶

Entre 1966 e a interrupção das atividades em 1975, Gombe recebeu cerca de 60 estudantes variando entre as áreas de ecologia comportamental, socioecologia, etologia, sociobiologia no estudo de primatas e outros mamíferos sociais, Stanford e Cambridge eram as principais instituições as quais se vinculavam. As pessoas que acompanhavam a pesquisa e não eram marcadas pela insígnia de pesquisadores e que também não se tratavam de alguns primatas não humanos que recebiam nomes próprios, eram relegadas a categoria de “equipe de campo”, sem nenhuma diferenciação ou marcação pessoal. Independente de serem marcados ou não-marcados, essas

⁷⁶Conflitos decorrentes da formação da República Democrática do Congo, influenciados pelos processos de descolonização iniciados nos países da África na década de 50, que resultou na sua independência da Bélgica em 30 de junho de 1960.

peessoas tinham seus processos de investigação e trabalho negligenciados nos relatos cinematográficos da *National*, elas simplesmente não apareciam.

Os brancos podiam ser considerados "sozinhos na natureza" quando estavam na companhia imediata dos negros. O fracasso das pessoas de cor em contar como humanos dificilmente poderia ser mais claro. Em *The Search for the Great Apes* (1975, Dian Fossey é apresentada como uma mulher que vive sozinha por quase uma década. (Haraway, 1989: 154)

Goodall era sistematicamente narrada como uma “garota solitária” nas montanhas. “Havia um fascínio especial.... [Eu] aproveitei aquelas noites nas montanhas sem companhia humana”, cita Haraway. O distanciamento e a solidão operavam aqui como marcadores de um *espírito* científico moderno, isto é, envolvendo o *sacrifício* como um operador ascético próprio de um cientista que *é movido pela busca da verdade*. Na verdade, uma cientista.

O gênero nos importa aqui como implicação de uma economia sexual e racial que reconstruiu os significados da ciência na agenda ocidental pós-segunda guerra mundial. Os interesses nas novas demandas de gerenciamento de estresse dos sistemas de informação cada vez mais sofisticados e com uma nova estruturação dos arranjos raciais, econômicos e políticos gerou a “Mãe substituta”.

A mulher branca cientista, foco das lentes do *National Geographic*, operou na construção de um aparato teórico e ideológico que comportasse essas agendas, isto é, representou o sujeito mediador da linguagem entre natureza e cultura. Nesse circuito de significados, ela é o *meio termo*. Uma mulher negra não ocuparia bem essa posição, uma vez que a sua marcação racial opera como um *negligenciador* dessas fronteiras, ela está *mais perto* da natureza.

Em resumo, em todas essas histórias humanos e suas culturas científicas são colocados na “natureza” em gestos que absolvem o leitor e o espectador de transgressões não ditas, que aliviam as ansiedades de separação e isolamento solitário em um planeta ameaçado e por uma cultura ameaçada pelas consequências de sua própria história. Mas os filmes e artigos excluem rigorosamente as políticas contextualizadoras de descolonização e exploração do Terceiro Mundo emergente, heterossexualidade obrigatória e normativa, domínio masculino de um empreendimento científico progressivamente baseado em guerra na civilização industrial e a organização simbólica e institucional racial da pesquisa científica. Em vez disso, os dramas de comunicação, origens, extinção e reprodução são apresentados em uma natureza que parece inocente da história. Se a história é o que dói, a natureza é o que cura. É precisamente renaturalizar o “homem” após as calamidades do industrialismo avançado, e especialmente após a bomba, que os macacos e as pessoas (brancas) são colocadas juntas no mundo “natural” da floresta e no mundo “cultural” da linguagem de seus usuários e criadores de animais. Essa união é uma parte crucial da ideologia do “alívio do estresse”, de uma falha de comunicação que foi construída desde a Segunda Guerra Mundial” (Haraway, 1989: 156).

3.5 Narrativas em confronto e a disputa pela origem: Zihlman e a mulher coletora

Em 1970, Adrielle Zihlman e Nancy Tanner começam a ministrar o minicurso “Bases biológicas e culturais do papel da diferenciação sexual”. A relação entre as autoras teve seu término

em 1977, o que não trouxe diferenças para seus respectivos escritos em relação aos argumentos centrais da tese da Mulher-coletora. Em 1975, Zihlman e Tanner tinham um rascunho de cinco capítulos de um livro conjunto projetado. Zihlman retirou-se do projeto e Tanner expandiu o rascunho de forma independente, dando surgimento ao seu importante livro *On Becoming Human* em 1981.

A tese em torno do homem-caçador ou *Man-Hunter* tem sido paradigmática para o reconhecimento dos processos evolucionistas envolvidos na origem da espécie *Homo Sapiens*. Nessa tese, a caça desempenha um argumento chave na reconstrução de um cenário de evolução em que o homem, o sujeito masculino mesmo, no desenvolvimento da tecnologia e da economia dos papéis sociais a partir dos significados de nutrição e manutenção da espécie, afasta-se do seu ancestral primário, os *Australopithecus*, chegando até nós, *Homo* do gênero *que sabe que sabe*.

Nos artigos I e II da série *Woman in Evolution* Adrienne Zihlman e Nancy Tanner procuram reconstruir o cenário evolutivo a partir de uma reinterpretação do modo de vida hominídeo, desde os primeiros hominídeos que viveram na África entre 2 e 4 milhões de anos atrás, ao *Homo erectus*, último predecessor do *Homo Sapiens*, que havia se espalhado por grande parte do “Velho Mundo” há cerca de meio milhão de anos. Nessa reconstrução, a chave conceitual em torno da caça se enfraquece, em função de algumas evidências morfológicas, anatômicas e comportamentais que sinalizavam para uma dieta centralizada em alimentos vegetais e proteínas de pequenos animais como base para a subsistência grupal. Tendo esse tipo de base alimentar baseada na coleta realizada por fêmeas, o desenvolvimento tecnológico e econômico em torno da fabricação de ferramentas, do recurso ao bipedalismo e da organização grupal passam a se concentrar em torno da figura da fêmea.

Aqui, a tese da Mulher-coletora disputa a narrativa do cenário evolutivo para além de uma leitura oposicionista e excludente, isto é, além de colocar a mulher no protagonismo de um sujeito historicamente idealizado da evolução humana seu significado está em esclarecer os interstícios e contradições resguardadas na tese do Homem-caçador.

A primeira parte do artigo de Zihlman e Tanner trata dos procedimentos adaptativos adotados pelos hominídeos na transição das florestas para as savanas, levando em conta os principais aspectos envolvidos nas mudanças comportamentais e morfológicas na exploração eficaz do novo habitat oferecido na savana, levando em consideração novas formas de coleta e de exploração de recursos naturais (incluindo a relação parental e seleção sexual) para especiação rápida.⁷⁷

As condições ambientais da savana engendraram novas organizações em torno da coleta de alimentos, da fabricação de ferramentas para obtê-los e da necessidade de organização social em torno da defesa e nutrição do grupo. O registro em torno da maternidade demandar das fêmeas um

⁷⁷TANNER, Nancy, ZIHLMAN, Adrienne. "Women in evolution. Part I: innovation and selection in human origins", *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 1, n. 3, pte. 1, p. 585-608, 1976. p. 588.

cuidado a longo prazo de seus filhotes, um envolvimento de, pelo menos, três a cinco anos, sustentou o desenvolvimento de ferramentas e o conhecimento do território em torno do processo de nutrição das fêmeas em relação aos seus bebês. Por conseguinte, a necessidade de conservar e estocar alimentação se torna uma chave para entender os processos que envolviam a construção de ferramentas.

O grau de envolvimento de cada sexo varia após o nascimento de um filho. Primatas e outras mães mamíferas dedicam muito tempo e energia à sua prole. Os bebês chimpanzés se apegam às mães, que carregam, amamentam, protegem e compartilham ninhos para dormir e ocasionalmente comida com eles por três a cinco anos. Investimentos extensivos em cada descendência limitam a frequência com que uma fêmea dá à luz (Tanner e Zihlman, 1976: 589)

Manipular ferramentas, carregar alimentos e ainda poder suportar um bebê está associado à natureza do bipedalismo como uma nova necessidade de executar tarefas que não seriam possíveis em um corpo quadrúpede. Essas tarefas foram possibilitadas pela liberação das mãos em função de uma mudança na estrutura dos pés, que se tornaram menos flexíveis, característica que antes beneficiava as escaladas das longas árvores na floresta, a tornaram-se rígidos e sustentadores fundamentais na locomoção dos primatas.

Segundo as autoras, a postura bípede possibilitou três acontecimentos cruciais: o desaparecimento da dobra da virilha como uma característica anatômica que funcionava como um recipiente natural para o transporte de alimentos, compreendendo na perda desse recipiente natural a possibilidade de produção dos primeiros recipientes artificiais, como a casca de ovo de avestruz quebrada; o aumento do plano de visão, devido a vegetação mais baixa da savana e o ganho de velocidade na locomoção, o que permitiu mecanismos de defesa aos novos predadores da savana, como as hienas e os leões; e na perda de estro das fêmeas que, ao deixarem a posição quadrúpede, passam a conduzir a reprodução sexual por via da abertura de uma socialidade, isto é, valorizando a comunicação por expressões gestuais e outras expressões não verbais⁷⁸.

A comunicação iniciada na perda do estro traduziu-se no investimento parental iniciado pelas fêmeas⁷⁹, o que lhes conferiu a capacidade de conduzir uma seleção genética do grupo. Neste ponto, a redução do dimorfismo sexual do dente canino, que representou o aumento da sociabilidade do grupo em detrimento de relações agonísticas que se davam em torno das disputas por recursos naturais e reprodução sexual, operou como um fator de mudança morfológica definida pela escolha parental feminina. Isto é, a preferência das fêmeas por machos que fossem mais sociáveis e demonstrassem um comportamento menos agonístico, oferecendo mais segurança a sua prole, orientou uma seleção genética em favor de uma descendência cada vez menos orientada para uma formação morfológica relacionada a comportamentos agonísticos.

⁷⁸ Idem, p. 589.

⁷⁹ Reproduzimos uma informação fornecida por Zihlman: Segundo o estudioso que levou a cabo a pesquisa, Y. Sugiyama, a cada dezenove cópulas observadas entre chimpanzés livres e não provisionados, quatorze foram iniciadas por fêmeas.

Finalmente, e talvez o mais importante, os pequenos caninos dos hominídeos masculinos sugerem que eles eram mais sociáveis e menos agressivos em suas interações com outros machos e fêmeas. Provavelmente competiram entre si pelo acasalamento com as fêmeas de maneiras agradáveis, e não pelo comportamento declarado de luta ou domínio, como os macacos e os gorilas⁸⁰. O comportamento sociável masculino dos hominídeos seria vantajoso, e de fato necessário, para a integração inicialmente em seus grupos familiares e, posteriormente, em grupos sociais maiores. As mulheres escolheram com mais frequência parceiros sexuais entre os homens sociáveis fora do grupo de parentes imediatos. O acasalamento não estava vinculado a um período estro específico. A perda de estro no sexo feminino envolveu, sem dúvida, a substituição de sinais anatômicos por outras formas de comunicação, incluindo a comportamental e a não vocal. (Zilhman, 1978: 09-10)

A perda do estro produziu também um abalo com a narrativa do Homem-caçador, tese que dava aos esforços da caça relativos para nutrição e proteção do grupo motivação como atração sexual *permanente* das fêmeas. O que as autoras mostram é que a manutenção do grupo se dava no interior das práticas de investimento parental das fêmeas ligados a seus esforços com a maternidade, no qual, segundo Zilhman, “o comportamento sexual e as ‘unidades reprodutivas’ ocorreram em associações maiores de indivíduos que não eram relacionados e que se reuniam com seus grupos de parentes em fontes de comida e água e em lugares para dormir”⁸¹. Aqui, a dinâmica monolítica de uma estrutura familiar centrada no macho como principal recurso de manutenção e seleção sexual do grupo perde completamente o seu significado.

A seleção natural atuou na expressão de capacidades de inovação tecnológica, bipedalismo, transporte, coleta e táticas defensivas à medida que os hominídeos de transição se moviam para o habitat das savanas em mosaico. Os indivíduos que aprenderam esses comportamentos mais cedo e mais efetivamente tiveram maior probabilidade de sobreviver e produzir filhos que atingiram a idade adulta [...] Embora os adultos aprendessem uns com os outros, a relação mãe-filho era fundamental para estabelecer e transmitir as informações tecnológicas e ambientais para a coleta. As mães, como socializadoras primárias, eram importantes portadoras da tradição de grupo. As invenções sociais e técnicas das fêmeas passaram para a prole e acabaram se tornando parte do repertório comportamental do grupo. A unidade social básica estável para os hominídeos de transição era a dos filhos de uma mãe, como é para outros primatas. (Tanner e Zilhman, 1976: 602-3)

A carne representava cerca de 1% da dieta da população ancestral e, no processo de transição para os hominídeos, houve um aumento de 5% na dieta. Isso implica que a coleta poderia ter sido responsável por até 90% da dieta em algumas circunstâncias, e geralmente é responsável pela produção de mais de 50% (Nancy Tanner e Adrienne Zilhman, 1976, p. 598). Na segunda parte do artigo Zilhman, já desvinculada das produções com Tanner, liga a redução do tamanho dos caninos na transição dos hominídeos à estreita ligação de uma dieta que não se baseava em atividades de predação acompanhado da ideia de que a adoção de uma dieta baseada no principal

80 Em inglês os termos são, respectivamente, *monkeys* e *apes*: o primeiro diz respeito aos primatas não-humanos de porte pequeno ou médio, e que possuem cauda, como os babuínos; o segundo corresponde aos primatas não-humanos de porte grande, como os chimpanzés, gorilas e orangotangos.

81 ZIHLMAN, Adrienne. "Women in evolution. Part II: subsistence and social organization among early hominids", Signs: *Journal of Women in C. and Society*. 4, n 1, p. 4-9, 1978, p. 11.

alimento de animais predadores, como as hienas e os leões, implicaria expor a espécie a uma defesa fragilizada.

Figurando um *caçador de grandes animais* e a primeira espécie predecessora do *Homo Sapiens* que migra da África para a Ásia e Europa, o *Homo Erectus* possui uma capacidade craniana maior que dos hominídeos anteriores (800-1,100 cm³, comparado a cerca de 500 cm³ do *Homo Habilis*⁸²). O registro de suas atividades está principalmente atrelado ao uso de ferramentas, que são frequentemente associadas a ossos e a lareiras de animais. No entanto, registros fósseis das regiões de Latamne, Síria e Olorgesailie apontaram para uma ausência de ossos de animais ligados aos fósseis dessa espécie. Isso indica que a caça como uma chave conceitual central para ler a subsistência da espécie *Homo Erectus* não explicava a sobrevivência desses grupos nessas regiões.

Outro dado observado por Zihlman é sobre os registros paleontológicos e arqueológicos que evidenciavam a *independência* do uso de ferramentas com as carcaças de animais mortos. Com efeito, estudos sugeriam que a carcaça de animais grandes como a de elefantes podia ser um fato relacionado ao atolamento dos mesmos em áreas pantanosas das margens dos lagos africanos, o que enfraquece a ideia de que a criação de ferramentas tem na caça um fim⁸³. A isso se somam algumas evidências de que as tecnologias ligadas à elaboração de ferramentas de caça são *oriundas* de ferramentas antes ligadas à coleta, a exemplo da primeira lança de madeira com um metro e oitenta de comprimento, que foi encontrada entre as costelas de um elefante fóssil no norte da Alemanha que, por sua vez, pode ter evoluído de implementos semelhantes mais curtos, como varas usadas para escavação nas coletas, realizadas por homens e mulheres.

O compartilhamento de alimentos coletados, desenvolvido inicialmente entre mães e filhos, foi provavelmente a fonte para expandir os padrões de compartilhamento para incluir machos adultos; assim, os machos de um grupo de parentes dividiam carne com suas mães e irmãs, que por sua vez compartilhavam seus alimentos vegetais. Mais tarde, o compartilhamento de alimentos incluiu indivíduos não relacionados, fora do grupo de parentes e, embora a quantidade de alimentos vegetais e animais variasse, o sistema social continuou a garantir que todos os membros comessem. Portanto, apesar de comportamentos demorados que frequentemente não produziam alimentos, como caçar ou obter matérias-primas a alguma distância, indivíduos envolvidos em tais atividades, principalmente homens, poderiam seguir essas atividades porque tinham a garantia de uma parte da comida recolhida por mulheres com quem mantinham laços sociais estreitos. Embora o risco de caça fosse grande em termos de possíveis lesões corporais e frequentes falhas, o potencial retorno foi igualmente grande na produção de uma grande fonte de proteína utilizável. As tecnologias de coleta e caça inicialmente podem não ter sido muito diferentes, e talvez as ferramentas de caça tenham se desenvolvido das utilizadas na coleta. (Zihlman, 1978: 18)

Nessa chave de leitura, nos primeiros hominídeos, as fêmeas passam a desempenhar a unidade social básica do grupo a partir da sua ligação com a maternidade traduzida nas necessidades de nutrição e manutenção da prole. Isso operou como um fator central no desenvolvimento de ferramentas e no mapeamento de lugares de coleta, tal como na sustentação de tais conhecimentos por via da socialização primária da prole com a mãe, na sustentação da

⁸²Espécie anterior ao *Homo Erectus* na linhagem do gênero *Homo*.

⁸³ Idem, p. 14.

sociabilidade do grupo ligada ao cuidado permanente com a prole e na criação de uma rede parental em que o sexo deixa de operar como um fator biológico e passa a ser um recurso de comunicação e seleção e, propriamente, de seleção genética. A escolha parental, partindo da fêmea, funcionou como elemento central para se entender o processo evolucionista: “O aumento das habilidades mentais estava relacionado à crescente importância do aprendizado mediado socialmente após o nascimento, em um grupo familiar afetivamente rico e íntimo e em uma comunidade ampla e variável de muitos indivíduos que tinham a mãe como uma figura central”⁸⁴.

Nos processos de transição do *Australopithecus* ao *Homo Erectus*, as habilidades ligadas as tecnologias de coleta são centrais para o desenvolvimento das tecnologias ligadas a caça. Embora aqui a dieta do grupo seja ainda majoritariamente ligada a coleta, o que se sustentou na ideia de que a caça se apresentava como uma atividade ligada a riscos e frequentes falhas.

A manutenção de uma rede de sociabilidade ligada ao investimento parental da fêmea também sustentou as possibilidades de maior comunicação, defesa e nutrição do grupo. Embora esse primeiro investimento social e tecnológico esteja ligado a fêmea, os machos também preservavam o grupo ao se inserirem nessa rede de sociabilidade, sendo parentes próximos ou algum membro destacado que se envolvia *majoritariamente* por uma via de interação sociável, cuidando da prole enquanto a fêmea sai para a coleta ou mesmo coletando conjuntamente.

Em Zihlman a caça ou mesmo a atividade social e tecnológica dos machos *não desaparece* das atividades do grupo para dar privilégio ao sujeito social centrado na fêmea. Dominação, conflito e competição são chaves conceituais que empalidecem, dando lugar a uma narrativa mais integrativa e *menos dramática*. Aqui, o drama não parece ser uma condição *necessária* ou *natural* ligada a narrativa do corpo primata, mas uma *preferência teórica ligando empreendimentos epistemológicos a processos históricos e sociais investidos de poder*; isto é, o drama opera como um gênero discursivo que privilegia as atividades agonísticas e que relacionam-se com uma centralização da atividade masculina na chave de leitura do corpo primata.

Mesmo desviando de uma análise que promovesse um sujeito central e privilegiado epistemologicamente, Zihlman promoveu um sujeito moderno mergulhado em uma linguagem liberal que sustentou um *individualismo* da fêmea em relação ao papel social da maternidade. O modelo da mulher coletora é profundamente marcado pela obsessão ocidental de um sujeito originário e universal, onde a importância da universalização das categorias como sexo, trabalho, mulher, gênero, reprodução, biologia, cultura e natureza não eram percebidas como problemáticas. Aqui, as análises de Zihlman não podem ser desvinculadas de sua imersão nos discursos feministas euro-americanos das/os cientistas biosociais da década de 1970.

84 Idem, p. 15.

CONCLUSÃO

O percurso que segui nesse trabalho foi o de localizar as discussões das epistemologias anglófonas do final do século XX, buscando entender os desdobramentos teóricos e os efeitos desses desdobramentos na análise da proposta epistemológica de Donna Haraway. Entender o contexto no qual Haraway formula sua proposta epistemológica da perspectiva parcial é submeter essa perspectiva à sua própria ótica, isto é, dos saberes situados.

Em um primeiro momento, busquei apresentar a trajetória teórica das principais correntes da epistemologia feminista, apresentadas por Harding, no final de década de 1980. Em um segundo momento, busquei localizar a proposta dos *saberes localizados* de Haraway em resposta a esse conjunto teórico apresentado no trabalho de Harding. E, em um terceiro momento, busquei realizar um estudo de caso da proposta epistemológica de Haraway, apresentada no terceiro capítulo, ao localizar o século XX como um cenário intrinsecamente ligado aos objetos teóricos da primatologia moderna.

Busquei descrever como a tecnologia visual dos dioramas de Akeley abriu chaves conceituais como “origem”, “grupo social harmônico”, “ausência de marcações culturais”, “ordenação das hierarquias”, “divisão sexual e corporal do trabalho” e “família” para se ler a natureza, e como esteve intrinsecamente ligada ao financiamento de instituições, como o Museu Americano de História Natural, com o objetivo de administrar as ameaças ao status moral de um corpo político, que vinha ganhando novos contornos na reestruturação da produção engendrada nos países centrais, a partir dos novos arranjos de classe, raça e gênero do final do século XIX.

Do mesmo modo, foi importante entender os estudos de Yerkes em seu esforço de traduzir os princípios políticos de cooperação e competição em princípios naturais de base fisiológica. Aqui, a psicobiologia se situava como uma ciência que privilegiava o estudo da personalidade para fundamentar a localização do indivíduo dentro de uma economia funcionalista do trabalho que, em suma, marcava o interesse da integração social e da racionalização das posições sociais no florescente processo de industrialização da Europa ocidental do início do século XX.

Pretendemos compreender como o “defect experiment” operou nos estudos de Carpenter para dar prioridade ao mapeamento sociométrico das relações de dominância como leitura da integração do grupo social em que o macho, não ocasionalmente, era tido como eixo central dessas relações. Zilman, também não ocasionalmente, *via* a integração social diferente, isto é, priorizou narrativas que investiram menos na dominação e no conflito para *dar preferência* à integração social baseada nos investimentos parentais centrados na fêmea para sua reconstrução do cenário evolutivo.

A ideia de reintegração de Carter e da visão imediata de Goodall se traduziam nas preocupações do pós-Guerras com a necessidade de entender os organismos *fora das relações*

culturais, para assim responder aos problemas de gerenciamento do estresse e do colapso da comunicação engendrados em uma sociedade que acabava de sair de duas guerras. Aqui, todos os organismos passavam a ser incorporados a uma “metafísica cultural do capitalismo tardio”.

O contato com as experiências da primatologia moderna ajudou a entender que localizar o saber significa identificar as marcas corporais de quem investiga, pensando o corpo como múltiplo e não como uma construção dada pela natureza ou pela cultura, mas sempre *em uma relação mediada* com estas. Por outro lado, localizar também é encontrar o corpo de *quem é investigado*, isto é, reconhecer o objeto além de uma construção cultural. Para Haraway, a noção de que o objeto é apenas o resultado de um investimento cultural, defendida pelas ideias construtivistas, carrega uma dialética humanista em que “social” se constitui como o que *é contra* o que não é humano,⁸⁵ fazendo perder de vista qualquer possibilidade de agenciamento e negociação mútua entre entidades humanas e não-humanas na formação do conhecimento.

Por outro lado, a saída para uma objetividade transcendental, como defendida pelas ideias do empirismo feminista ou pelas correntes tradicionais da ciência, apostam em uma descorporificação do observador e em uma natureza dada do objeto, também negligenciando o agenciamento e negociação mútua entre as duas entidades. Para Haraway, apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva.

Dar privilégio à perspectiva parcial é reconhecer os custos implicados no corpo marcado, isto é, nas possibilidades de inclusão e exclusão de perspectiva que essa marcação significa. Ser chamado a prestar contas é ser responsabilizado não só pelos processos que construíram uma posição, mas também reconhecer a exclusão, porque se recusa a olhar a partir de Deus, que está implicado na mesma. E é quando, no jogo do conhecimento, a exclusão é reconhecida que a abertura para a tradução em níveis diferenciados de poder entre as comunidades científicas é legitimada e incentivada.

Pensar a localidade dos saberes quer dizer redefinir o que se traduziu em objetividade dentro dos circuitos tradicionais do conhecimento, sejam feministas ou não, que ainda investiam/em em uma noção de objetividade que repousa nas velhas dicotomias ficção/realidade, mente/corpo, natureza/cultura, sexo/gênero, etc. O corpo não marcado masculino e branco ganha significado no investimento dessas dicotomias, isto é, se diferenciando de outros corpos (que são corpos) que não são capazes de fazer ciência.

A identidade do observador é significada a partir do *contraste com o outro*, no qual o que permitiu a insígnia do corpo não marcado do cientista “branco” e “masculino” foi o pertencimento dessas categorias à ordem da totalidade. Tanto a imagem do corpo marcado e do não marcado são efeitos da imaginação, ficções que *realizaram* todas as experiências científicas que busquei

⁸⁵Bruno Latour e Jacques Derrida são alguns autores, nos quais não mencionei diretamente neste trabalho, que Haraway vai apontar como exemplos teóricos que nos oferecem ferramentas para entender as relações sociais constituídas de entidades humanas e não-humanas.

apresentar neste trabalho. Ficção aqui não deve ser compreendida como antagônica à realidade, mas como um efeito metafórico necessário a todo o processo em que se produz a realidade. Portanto, para dar realidade a uma ciência ou objetividade feminista talvez seja a hora de mudar a metáfora!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCOFF, Linda; POTTER, Elizabeth. *Feminist epistemologies*. New York: Routledge, p. 332, 1993.
- ALMEIDA, D. M. “Análise da trama de argumentos na obra ‘Meditações’ cartesianas na construção da ideia do ‘Cogito’: uma proposta para um modelo didático para o ensino de Filosofia”. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n.62, p. 295-308, out/dez. 2016.
- ALZUGUIR, Fernanda V., NUCCI, Marina. “Maternidade mamífera? Concepções sobre a natureza e ciência em uma rede social de mães”. Londrina: *Mediações*, V. 20 n, p. 217-238, jan/jun 2015.
- ANZALDÚA, Gloria E. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000.
- BLOOR, David. 1977. *Knowledge and Social Imagery*. Ixjndon: Routledge & Kegan Paul.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236p.
- CHARLOTTE, Perkins Gilman. *Them man-made world: or, Our androcentric culture*. New York. 1911.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York, Routledge, Chapman and Hall, 1990.
- DESPRET, Vinciane. “O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas?”. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23 – n. 1, p. 59-72, Jan./Abr. 2011.
- FOUCAULT, M. "A verdade e as formas jurídicas". Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.
- GANE, Nicholas, HARAWAY, Donna. 2006. “When We Have Never Been Human, What Is to Be Done? Interview with Donna Haraway”. *Theory, Culture & Society*. 23:135–158.
- GRASSIE, William. “Cyborgs, trickster, and Hermes: Donna Haraway’s metatheory of science and religion”. *Retrieved September*, 1996, 20: 2006.
- GÓES, Juliana. “Ciência e a(s) epistemologia(s): saberes localizados”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v 27n, 2019.
- HARAWAY, Donna. “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”. *Cadernos Pagu*, n.22. Campinas: Unicamp, 2004. p.201-246.
- _____. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. Em SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- _____. “O humano numa paisagem pós-humanista”. *Estudos Feministas*, v.1, n.2. Florianópolis: UFSC, 1993. p.277-292.

_____. *Primate Visions. Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*. New York: Routledge, 1989.

_____. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

HARDING, Sandra. "The Science Question in Feminism". Ithaca: *Cornell Univ. Press*, 1986.

HARDING, Sandra; PEREIRA, VERA. "A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista." *Estudos feministas*, p. 7-32, 1993.

HOOKS, bell. "Intelectuais Negras". *Revista Estudos Feministas*, n.2, 1995, p. 464-478.

KOHLSTEDT, Sally G, LONGINO, Hellen E. *Women, Gender, and Science*. New Directions. *Orisis*, v. 12. p. 229, 1993.

KUHN, Thomas. "Objectivity, Value Judgment and Theory Choice", In *The Essential Tension*, Chicago: University of Chicago Press. 1977.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 3.^a edição. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LATOUR, Bruno. "A well-articulated primatology: reflections of a fellow-traveller". In: Strum, Shirley and Fedigan, Linda (eds.). *Primate encounters: models of science, gender, and society*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

LONGINO, Helen. "Subjects, Power, and Knowledge: Description and Prescription in Feminist Philosophy of Science", in Alcoff and Potter. 1993.

LOPES, Maria Margaret. "Aventureiras" nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. *Cadernos pagu*, 2012.

QUINE, W. V. O., 1963, "Two Dogmas of Empiricism". *From a Logical Point of View*, New York: Harper & Row.

SARDENBERG, C. M. B. "Da crítica feminista a uma ciência feminista?" *Labrys Estudos Feministas*, 11, p. 45, 2007.

SILVA, M. R. da. *Refigurando monstros: a perspectiva parcial de Donna Haraway como crítica da ciência*. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; CRUZ, Murilo Galvão Amancio. "O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970". *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 2018.

TANNER, Nancy, ZIHLMAN, Adrienne. "Women in evolution. Part I: innovation and selection in human origins", *Signs: Journal of Women in Culture and Society* I, n.3, pt.1, p. 585-608, 1976.

Verbete "Feminist Epistemology and Philosophy of Science", in *Stanford Encyclopidea of Philosohpy*: <<https://plato.stanford.edu/entries/feminism-epistemology/>> Acesso em: 20 nov. 2019.

Verbete "Feminist Social Epistemology", in *Stanford Encyclopidea of Philosohpy*: <<https://plato.stanford.edu/entries/feminist-social-epistemology/>> Acesso em: 20 nov. 2019.

VIANNA, Beto; GÓMEZ-SORIANO, Rubén; SÁNCHEZ-CRIADO, Tomás. “Corpos primatas em devir: o observador e a investigação em cognição símia”. *Reunião brasileira de antropologia*, 2008, 26: 1-11.

WYLIE, Alison, 1996, “The Constitution of Archaeological Evidence: Gender Politics and Science”, in *The Disunity of Science*, P. Galison and D. Stump, (eds.), Stanford: Stanford University Press.

YERKES, Robert M. 1925. *Almost Human*. New York: Century.

ZIHLMAN, Adrienne. "Women in evolution. Part II: subsistence and social organization among early hominids", *Signs: Journal of Women in C. and Society*. 4, n 1, p. 4-9, 1978.

